



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

INSTITUTO DE BIOLOGIA – CEDERJ



AVIFAUNA DA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO
FLORESTA DA CICUTA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

GABRIEL MAGALHÃES TAVARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
POLO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

2019



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

INSTITUTO DE BIOLOGIA – CEDERJ



AVIFAUNA DA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO
FLORESTA DA CICUTA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

GABRIEL MAGALHÃES TAVARES

Monografia apresentada como atividade obrigatória à integralização de créditos para conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas - Modalidade EAD.

Orientador: MSc. Sandro Leonardo Alves

ORIENTADOR: MSc. SANDRO LEONARDO ALVES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
POLO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

TAVARES, Gabriel Magalhães

Avifauna da Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta, Rio de Janeiro, Brasil. Polo Volta Redonda, 2019. 113 f. il: 31 cm

Orientador: Sandro Leonardo Alves

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Modalidade EAD. 2019.

Referencias bibliográfica: f. 76-83.

1. Palavras Chaves: Aves; Mata Atlântica; Fragmentação; Conservação; Endemismo.

I. ALVES, Sandro Leonardo (Orient.)

II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciatura em Ciências Biológicas – Modalidade EAD

III. Título: Avifauna da Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta, Rio de Janeiro, Brasil.

Dedico este trabalho a Alexandre Gabriel Franchin, amigo e mentor na ornitologia, o qual teve suma importância na realização deste trabalho e na minha formação. A você, meu amigo, minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a toda a espiritualidade que me acompanha, pois nos momentos difíceis foram vocês o meu abrigo “*Quando a gira girou, ninguém suportou / Só você ficou, não me abandonou*”.

Aos meu pais pelo apoio e carinho durante toda a minha vida, em especial ao meu pai pela companhia durante inúmeras incursões a campo. Nesse caso também não posso deixar de agradecer a Ivan Júnior, Jeferson Miranda, Lucas de Castro e Paulo Furtado, obrigado meus amigos por estarem comigo nos campos e em muitos momentos da vida.

Aos amigos do Cederj, só nós sabemos o quanto é importante o apoio um do outro ao longo do curso. Obrigado a cada um de vocês pelas inúmeras ajudas durante a graduação.

A empresa Signus Vitae que me proporcionou vivenciar a profissão de biólogo muito antes de eu me formar. Aos amigos e companheiros de muitos campos e perrengues, obrigado por todas as lições que me passaram, Almir Folly, Bruna Almeida, Gabriel Mendes, Leandro Cruz, Moisés Guimarães e por últimos, mas não menos importantes Jofravi Vieira e Rafael Scarpelli com os quais eu fiz o campo mais doido da minha vida até hoje (precisamos voltar na Serra do Cipó!).

A Maycon Ailton de Rezende pelos primeiros ensinamentos ornitológicos, meus sinceros agradecimentos.

A Marcelo Jordani Feliti, pelas valiosas considerações a respeito deste trabalho, elas foram essenciais. Agradeço também pelos inúmeros ensinamentos passados em campo, em especial o campo em Sete Lagoas/MG, precisamos voltar lá meu amigo!

A Alexandre Gabriel Franchin, aquele que não me deixou desistir da ornitologia, que me coorientou durante toda a execução deste trabalho, que sempre foi paciente e atencioso quando eu o procurava para tirar dúvidas sobre os passarinhos, não importava o horário heheh. Meu amigo você não tem ideia do quanto você foi importante na minha formação como profissional e como pessoa, muito obrigado por tudo!

Um agradecimento especial ao meu orientador Sandro Leonardo Alves, professor, mentor e amigo que a ARIE Floresta da Cicuta me presenteou. Muito obrigado por toda paciência que teve comigo ao longo deste tempo, obrigado pela ajuda, por ter sempre me motivado e me incentivado a ser melhor tanto como profissional quanto como pessoa. Tenho profunda admiração por você, pelo seu trabalho e pelas suas lutas, aprendi e tenho ainda muito a aprender com você. Temos mais projetos para executarmos juntos, você não vai se livrar de mim tão fácil!

Passaredo

Chico Buarque

Ei, pintassilgo
Oi, pintarroxo
Melro, uirapuru
Ai, chega-e-vira
Engole-vento
Saíra, inhambu
Foge asa-branca
Vai, patativa
Tordo, tuju, tuim
Xô, tié-sangue
Xô, tié-fogo
Xô, rouxinol sem fim
Some, coleiro
Anda, trigueiro
Te esconde colibri
Voa, macuco
Voa, viúva
Utiariti
Bico calado
Toma cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem aí
Ei, quero-quero
Oi, tico-tico
Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia
Xô, ave-fria
Xô, pescador-martim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
Voa, bicudo
Voa, sanhaço
Vai, juriti
Bico calado
Muito cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem aí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVO	16
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
3 MATERIAL E MÉTODOS	17
3.1 ÁREA DE ESTUDO	17
3.1.1 BREVE HISTÓRICO	17
3.1.2 GEOMORFOLOGIA	20
3.1.3 CLIMA	20
3.1.4 HIDROGRAFIA	21
3.1.5 VEGETAÇÃO	24
3.2 COLETA DE DADOS	27
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1 RIQUEZA E COMPOSIÇÃO ESPECÍFICA	34
4.2 ABUNDÂNCIA DAS ESPÉCIES	57
4.3 REVISÃO CRÍTICA DE REGISTROS PRÉVIOS	58
4.4 EFEITOS DA SAZONALIDADE NA OCORRÊNCIA DAS ESPÉCIES	61
4.5 DEPENDÊNCIA FLORESTAL E DIETA ALIMENTAR PREDOMINANTE	64
4.6 ENDEMISMO E STATUS DE CONSERVAÇÃO	67
4.7 PRESSÕES E AMEAÇAS x SENSIBILIDADE A DISTÚRBIOS AMBIENTAIS	69
4.8 IMPLICAÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO	72
5 CONCLUSÕES	75
6 REFERÊNCIAS	76
7 APÊNDICE – REGISTROS FOTOGRÁFICOS	84
8 ANEXO – LISTA CONSOLIDADA DAS ESPÉCIES DE AVES DA ARIE FLORESTA DA CICUTA	89

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Limites e localização da ARIE Floresta da Cicuta, entre os municípios de Barra Mansa e Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, Brasil	19
Figura 2- Climograma representando série histórica de temperatura e precipitação no município de Volta Redonda, Rio de Janeiro (1917 – 2016)	21
Figura 3- Mapa hidrográfico da ARIE Floresta da Cicuta	22
Figura 4- Vista parcial de um trecho do rio Brandão	23
Figura 5- Vista parcial de um trecho do córrego Água Fria	23
Figura 6- Perfil da ARIE Floresta da Cicuta durante a estação chuvosa	25
Figura 7- Perfil da ARIE Floresta da Cicuta durante a estação seca	25
Figura 8- Mapa de uso e ocupação do solo no entorno da ARIE Floresta da Cicuta	26
Figura 9- A) Utilização de binóculo para identificação de espécies; B) Utilização de câmera fotográfica para documentação das espécies visualizadas	27
Figura 10- Coleta de dados das espécies registradas em um dos pontos fixos	28
Figura 11- Mapa de amostragem da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta	30
Figura 12- A) Utilização da técnica de <i>playback</i> ; B) Observação <i>ad libitum</i>	31
Figura 13- Número de espécies de aves por Ordem na ARIE Floresta da Cicuta	52
Figura 14- Número de espécies de aves por Família na ARIE Floresta da Cicuta	52

Figura 15- Similaridade avifaunística segundo o Índice de Sorensen	55
Figura 16- Curva de acúmulo de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta	56
Figura 17- Índice Pontual de Abundância (IPA) das 30 espécies de aves mais abundantes na ARIE Floresta da Cicuta	57
Figura 18- Comparação da riqueza de espécies registradas entre os diferentes estudos realizados na ARIE Floresta da Cicuta	61
Figura 19- Variação sazonal da riqueza de espécies na ARIE Floresta da Cicuta	62
Figura 20- Riqueza de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta em relação ao hábito alimentar	66
Figura 21- Riqueza de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta em relação a sensibilidade a distúrbios ambientais	72
Figura 22- Proposta de ampliação da área da ARIE Floresta da Cicuta de acordo com o Projeto de Lei Federal nº 9.139/2017	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Localização dos pontos fixos utilizados para a amostragem da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta 29

Tabela 2. Lista das espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta 35

Tabela 3. Índice de Similaridade de Sorensen entre a ARIE Floresta da Cicuta e outras áreas pesquisadas no bioma Mata Atlântica 54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INEA	Instituto Estadual do Ambiente
INPE	Instituto de Pesquisas Espaciais
PAN	Plano de Ação Nacional
UC	Unidade de Conservação

RESUMO

A Mata Atlântica é um dos biomas de maior biodiversidade do planeta, apresentando cerca de 890 espécies de aves e um dos maiores níveis de endemismo do Brasil. Atualmente, é um dos biomas brasileiros que mais sofre com a fragmentação e perda de habitats. A Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) Floresta da Cicuta, uma Unidade de Conservação Federal localizada entre os municípios de Barra Mansa e Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, possui 131 ha de Mata Atlântica do tipo floresta estacional semidecidual. O presente estudo se propôs a realizar o levantamento da riqueza e composição de espécies da avifauna, e analisar a qualidade ambiental da ARIE Floresta da Cicuta. Foram realizadas observações, durante 14 meses, por meio de pontos fixos (15 pontos, distantes 200m cada, duração de 20 minutos em cada ponto), no período da manhã. Foram registradas 216 espécies, distribuídas em 20 ordens e 49 famílias. Passeriformes foi a ordem com maior riqueza de espécies e as famílias mais representativas foram Tyrannidae e Thraupidae. Em relação a dieta, houve predomínio de espécies insetívoras (40%) e onívoras (27%). Foram registradas 36 espécies endêmicas da Mata Atlântica, uma espécie globalmente ameaçada (*Amazona rhodocoryta*) e quatro globalmente quase ameaçadas (*Dysithamnus stictothorax*, *Hemitriccus orbitatus*, *Piculus aurulentus* e *Primolius maracana*), além de duas espécies ameaçadas no estado do Rio de Janeiro (*Cyanoloxia brissoni* e *Anhinga anhinga*). A ocorrência de espécies ameaçadas e o considerável número de espécies endêmicas demonstram que a ARIE Floresta da Cicuta é uma importante área para a conservação da avifauna na Mata Atlântica.

Palavras-chave: Aves; Mata Atlântica; Fragmentação; Conservação; Endemismo.

ABSTRACT

The Atlantic Forest is one of the most biodiverse biomes on the planet, with about 890 bird species and one of the highest levels of endemism in Brazil. It is currently one of the Brazilian biomes that suffers the most from fragmentation and habitat loss. The Area of Relevant Ecological Interest (ARIE) Floresta da Cicuta, a Federal Protected Area located between the municipalities of Barra Mansa and Volta Redonda, state of Rio de Janeiro, has 131 ha of Atlantic Forest of semideciduous seasonal forest type. This study aimed to survey the richness and species composition of the avifauna and to analyze the environmental quality of ARIE Floresta da Cicuta. Observations were made during 14 months using point counts (15 points, 200 m apart each, duration of 20 minutes at each point) in the morning. A total of 216 species were recorded, distributed in 20 orders and 49 families. Passeriformes was the order with the highest species richness, and the most representative families were Tyrannidae and Thraupidae. Regarding diet, there was a predominance of insectivorous (40%) and omnivorous (27%) species. Thirty-six endemic Atlantic Forest species were recorded, one globally threatened species (*Amazona rhodocoryta*) and four globally nearly threatened species (*Dysithamnus stictothorax*, *Hemitriccus orbitatus*, *Piculus aurulentus* and *Primolius maracana*) and two endangered species in the state of Rio de Janeiro (*Cyanoloxia brissoni* and *Anhinga anhinga*). The occurrence of endangered species and the considerable number of endemic species show that the ARIE Floresta da Cicuta is an important area for the conservation of birdlife in the Atlantic Forest.

Key words: Birds; Atlantic Forest; Fragmentation; Conservation; Endemism.

1 INTRODUÇÃO

As aves compõem um dos grupos taxonômicos melhor conhecidos, com mais de 11.000 espécies descritas (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2018). Alguns autores afirmam que o conhecimento atual sobre aves é maior que qualquer outro grupo comparável de organismos (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2018), e, ainda assim, novas espécies têm sido recentemente descritas (FREITAS *et al.*, 2012; COHN-HAFT & BRAVO, 2013; MAHOOD *et al.*, 2013; WHITNEY *et al.*, 2013; PORTES *et al.*, 2014), demonstrando que por mais bem conhecido que seja esse grupo ainda restam lacunas sobre o mesmo. Para o Brasil já foram descritas 1.919 espécies de aves, dentre residentes e migratórias. Esse número situa o país em segundo lugar no ranking de riqueza de espécies, perdendo apenas para a Colômbia (1.924 espécies) (PIACENTINI *et al.*, 2015). O elevado número de espécies de aves em território brasileiro está diretamente relacionado a heterogeneidade de habitats e diversidade de biomas que o país apresenta, variando desde formações florestais (Amazônia, Mata Atlântica) até fisionomias campestres e savânicas (Cerrado, Caatinga, Campos).

O bioma Mata Atlântica, que originalmente ocupava um território de aproximadamente 1.315.460 km² estendendo-se ao longo da costa brasileira, adentrando até o leste do Paraguai e nordeste da Argentina em sua porção sul (TABARELLI *et al.*, 2005; MAGNAGO *et al.*, 2011), hoje se encontra predominantemente fragmentado. Atualmente, estima-se que mais de 97% da vegetação remanescente na Mata Atlântica se constitui em fragmentos florestais menores que 250 ha, sendo que esses ainda permanecem ameaçados pela agricultura, pelo turismo desordenado e pelo crescente avanço industrial e urbano (LIEBEREI, 2002; RIBEIRO *et al.*, 2009). Sua grande diversidade biológica associado ao seu alto grau de devastação, fazem da Mata Atlântica um dos 34 *hotspots* mundiais, áreas com alta diversidade biológica e ameaçadas no mais alto grau (MITTERMEIER *et al.*, 2005). A Mata Atlântica apresenta uma composição bastante heterogênea, abrangendo formações vegetais e zonas climáticas entre tropicais a subtropicais, além de elevações que vão desde o nível do mar até 2.900 m de altitude, compostas por uma extensa gama de tipos e profundidades de solo e apresentando mudanças abruptas na temperatura média do ar (COLOMBO & JOLY, 2010).

Em relação a avifauna, o bioma Mata Atlântica se destaca, abrigando cerca de 890 espécies de aves dentre residentes e migratórias, das quais 223 são endêmicas (VALE *et al.*, 2018). É o bioma brasileiro que possui o maior número de espécies exclusivas, sendo

muitas dessas ameaçadas de extinção (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2010, 2012; LIMA, 2013; VALE *et al.*, 2018).

Quando comparado a outros biomas brasileiros, o bioma Mata Atlântica foi o primeiro a apresentar um amplo e prematuro conhecimento acerca da riqueza ornitológica que abrigava, devido a sua localização, situada na porção leste do país, a primeira a ser explorada pelos colonizadores. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro foram os pioneiros em relação a pesquisas e levantamentos de campo sobre a comunidade de aves (PACHECO *et al.*, 2008).

O estado do Rio de Janeiro, localizado na região Sudeste do Brasil, encontra-se inserido integralmente no bioma Mata Atlântica, e com isso apresenta um número considerável de representantes da avifauna. Até o momento, já foram registradas 653 espécies de aves para o Estado, o que representa 34% do total de espécies que ocorrem no país e aproximadamente 73% do total de espécies que ocorrem na Mata Atlântica (BERGALLO *et al.*, 2000; PIACENTINI *et al.*, 2015). Assim como em outros Estados, o bioma Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro se encontra devastado, tendo mais de 85% da sua vegetação nativa já convertida em pastagens, plantações e cidades (POUGY, 2018). Dentre as diversas fitofisionomias que ocorrem no estado (floresta ombrófila densa, floresta ombrófila aberta, floresta ombrófila mista; floresta estacional decidual; floresta estacional semidecidual; campos de altitude; mangues e restingas) (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2010), a floresta estacional semidecidual é uma das que se encontram mais ameaçadas, sendo que os poucos fragmentos que restaram dessa formação se encontram esparsamente distribuídos (POUGY, 2018).

Apesar das inúmeras pressões antrópicas sofridas pelas aves atualmente (e.g. caça e captura excessiva, invasão de espécies exóticas, poluição) sabe-se que a fragmentação florestal é a que causa maior efeito deletério. Segundo Fischer & Lindenmayer (2007) essa é a principal causa da extinção de espécies no mundo, e em nenhum outro grupo as extinções foram tão bem documentadas quanto nas aves. De acordo com a *BirdLife International*, desde o ano de 1.500 perdemos aproximadamente 161 espécies da avifauna mundial. Entretanto, esse número pode ser ainda maior, uma vez que muitas das espécies que atualmente estão classificadas como criticamente ameaçadas podem na verdade já estarem extintas. Desta forma, até 183 espécies de aves podem ter sido perdidas nos últimos 500 anos (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2018).

Diante deste cenário, os atuais remanescentes florestais são de suma importância para a conservação das aves e, apesar do quadro devastador da Mata Atlântica, ainda é

incipiente o conhecimento sobre as comunidades de aves que conseguem manter populações nesses fragmentos (RIBON *et al.*, 2003). Realizar o levantamento das espécies que ocorrem nos mesmos seria o primeiro passo para compreender melhor os processos de extinção e colonização (FARIA *et al.*, 2006).

Tendo em vista essa premissa, o presente trabalho propôs executar o levantamento da avifauna da Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta (ARIE Floresta da Cicuta), Unidade de Conservação Federal situada entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, um dos fragmentos florestais mais representativos de Mata Atlântica do tipo Floresta Estacional Semidecidual do planalto da bacia média do Rio Paraíba do Sul e um dos últimos preservados da região Sul do estado do Rio de Janeiro (ALVES & ZAÚ, 2007).

2 OBJETIVO

Obter dados e analisar a diversidade e abundância relativa da comunidade de aves da Unidade de Conservação Federal ARIE Floresta da Cicuta, e suas implicações para a conservação.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Determinar a riqueza e a composição de espécies da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta;
- Analisar as variações na ocorrência de espécies de acordo com a sazonalidade;
- Classificar a dieta alimentar predominante, sensibilidade a distúrbios ambientais e dependência florestal das aves registradas;
- Indicar o status de conservação das aves registradas; e
- Discutir sobre a qualidade ambiental da ARIE Floresta da Cicuta a partir dos parâmetros supracitados.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 ÁREA DE ESTUDO

3.1.1 BREVE HISTÓRICO

A região onde está inserida a ARIE Floresta da Cicuta era um antigo reduto dos índios Puris e Coroados, contudo, no século XIX, a região foi devastada pelo Ciclo do Café, prática que destruiu grande parte das florestas da região do Médio Vale do Paraíba. Atualmente são poucos os remanescentes florestais dessa região, sendo que esses continuam ameaçados pelo crescente avanço industrial e urbano (LIEBEREI, 2002; FARIA *et al.*, 2001).

A Floresta da Cicuta por muito tempo esteve aberta ao público (1940 à 1972), servindo como uma importante área de lazer e sendo amplamente utilizada com tal propósito pela população local, porém, o uso irresponsável por parte dos usuários culminou com a proibição de acesso público no ano de 1972, objetivando a manutenção e recuperação da Floresta da Cicuta (FARIA *et al.*, 2001).

Com crescentes níveis de urbanização e problemas de ordem ambiental, a população do município de Volta Redonda contemplava na década de 1980 a Floresta da Cicuta como a principal área verde com funções ecológicas responsáveis por amenizar parte dos problemas ocasionados pela industrialização, como por exemplo, absorver parte do material particulado da poluição atmosférica oriunda da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Com isso, em 1982 uma conjunção de esforços institucionais e pessoais visando a preservação da Floresta da Cicuta reuniu pesquisadores que iniciaram uma série de estudos científicos relacionados a sua fauna e flora (BRASIL, 2016).

Os estudos foram realizados até o ano de 1984 e concluíram que a Floresta da Cicuta possuía atributos naturais valiosíssimos e que necessitavam da devida proteção legal, recomendando assim transformar a Floresta da Cicuta em uma Unidade de Conservação (MONSORES *et al.*, 1982; 1983; CAMPOS *et al.*, 1985). Conseqüentemente, no mesmo ano em que foram finalizados os estudos, o então Secretário Especial do Meio Ambiente com prerrogativas de ministro, Dr^o Paulo Nogueira Neto, determinou através da Resolução CONAMA n^o 005, de 20/07/1984, a elaboração de minutas de Decretos Federais visando a implantação de oito Áreas de Relevante Interesse Ecológico no país, dentre elas a Floresta da Cicuta.

Então, no dia 9 de janeiro de 1985 foi publicado o Decreto Federal nº 90.792, que cria a Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta (ARIE Floresta da Cicuta), com uma área total de 131,28 hectares, abrangendo parte dos municípios fluminenses de Barra Mansa (85% da UC) e Volta Redonda (15% da UC) (Figura 1). Atualmente, a ARIE Floresta da Cicuta, assim como as 334 UCs Federais no país, é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

A análise da cobertura vegetal em escala regional demonstra um cenário de degradação ambiental e fragmentação dos ecossistemas, porém com alguns significativos remanescentes florestais, protegidos como Unidades de Conservação, que podem atuar como importantes áreas fonte de dispersão de espécies de aves para a ARIE Floresta da Cicuta e outros fragmentos menores, com destaque para:

Parque Natural Municipal Fazenda Santa Cecília do Ingá: Localizado no município de Volta Redonda/RJ, com cerca de 211 ha, está distante em linha reta da ARIE Floresta da Cicuta aproximadamente 10 km (WIKIAVES¹, 2019);

Área de Proteção Ambiental Municipal Floresta do Cafundó: Localizada no município de Barra Mansa/RJ, no Distrito de Rialto, possui cerca de 1.000 ha e dista cerca de 15 km da ARIE Floresta da Cicuta em linha reta (BARRA MANSA, 2005);

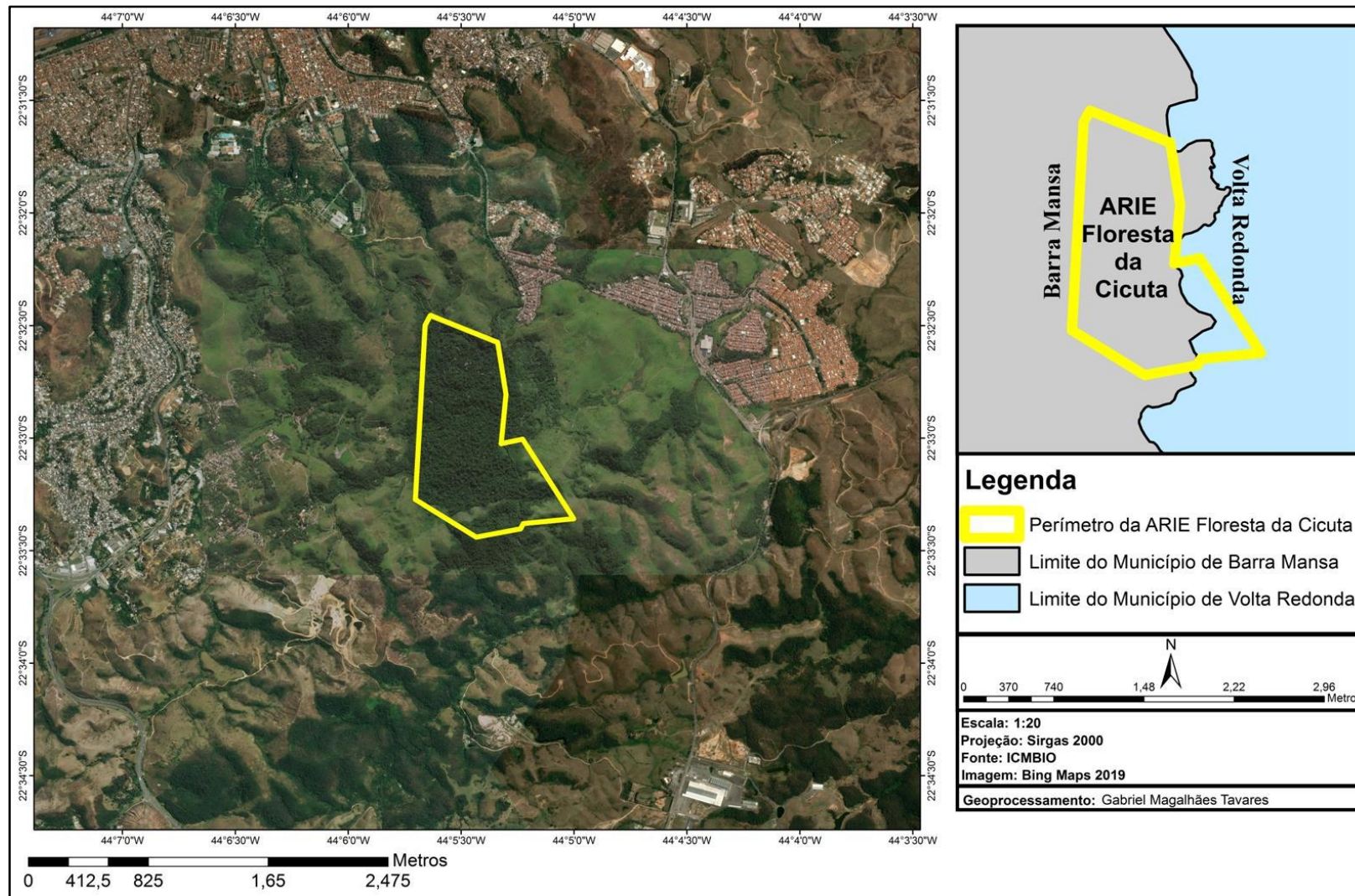
Parque Nacional da Serra da Bocaina: Localizado na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, possui uma área de 106.566 ha e se localiza distante aproximadamente 40 km em linha reta da ARIE Floresta da Cicuta (ICMBIO¹, 2019);

Parque Nacional de Itatiaia: Localizado na Serra da Matiqueira, abrangendo os municípios de Itatiaia e Resende no estado do Rio de Janeiro e Bocaina de Minas e Itamonte no estado de Minas Gerais, possui uma área de 28.084 ha e está distante da ARIE Floresta da Cicuta aproximadamente 50 km em linha reta (ICMBIO², 2019);

Parque Estadual do Cunhambebe: Abrange parte dos municípios de Angra dos Reis, Mangaratiba, Rio Claro e Itaguaí, todos situados no estado do Rio de Janeiro. Com uma área de 38.053 ha, encontra-se distante aproximadamente 20 km em linha reta da ARIE Floresta da Cicuta (INEA¹, 2019).

A ARIE Floresta da Cicuta é considerada um monumento natural singular da natureza fluminense, apresentando um recurso florístico e faunístico de valor imensurável como banco genético para gerações futuras, é um dos fragmentos mais representativos de Floresta Atlântica do planalto da bacia média do Paraíba do Sul e um dos últimos preservados da região Sul Fluminense (ALVES, 2004; ALVES & ZAÚ, 2007).

Figura 1- Limites e localização da ARIE Floresta da Cicuta, entre os municípios de Barra Mansa e Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, Brasil.



3.1.2 GEOMORFOLOGIA

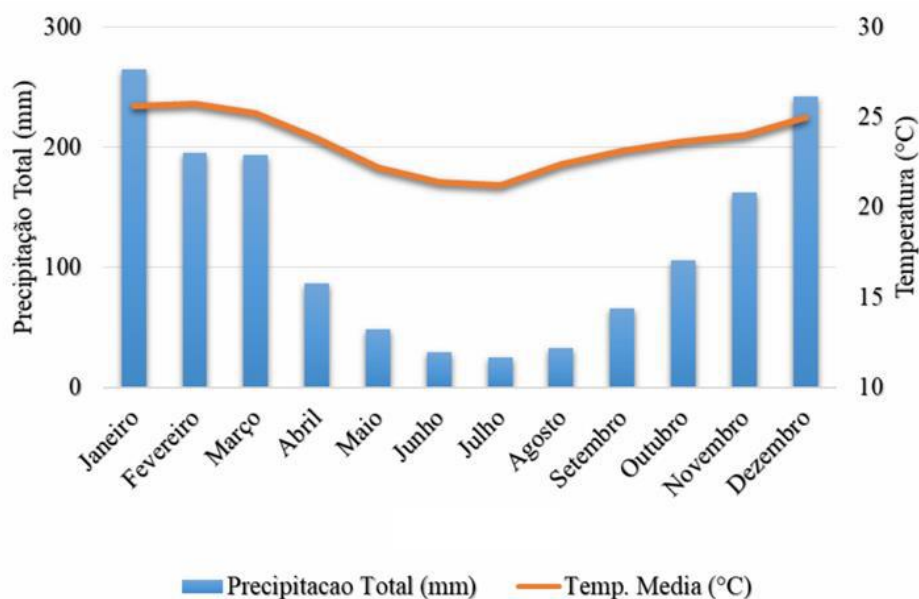
A geomorfologia regional é de origem tectônica, sendo constituída por pequena depressão no Médio Vale do Paraíba, com área de entulhamento de natureza sedimentar e tectonia bastante complexa (RADAMBRASIL, 1983; ALVES, 2004). O solo predominante é Podzólico Vermelho-Amarelo, bastante suscetível à processos erosivos (SOUZA *et al.*, 2007).

A ARIE Floresta da Cicuta apresenta três aspectos geográficos: patamares colinosos aplainados, patamares tabuliformes dissecados e colinas estruturais isoladas (BRASIL, 2016). As altitudes variam entre 300m à 500m, sendo constituída predominantemente de planaltos serranos denominados “mares de morro”, provavelmente de rocha granítico-gnáissica (ALVES, 2004).

3.1.3 CLIMA

De acordo com a classificação climática de Köppen, o clima da região é mesodérmico (Cwa), com verões quentes e chuvosos e invernos secos. A temperatura média do ar varia entre 21°C e 16°C. A estação chuvosa vai de outubro a março, tendo uma pluviosidade média de 1.500mm de chuva por ano (Figura 2). Já a estação seca engloba o inverno e vai de abril a setembro, sendo julho e agosto os meses de tempo mais estável. Os ventos predominantes são de sentido noroeste. No inverno é comum o fenômeno da inversão térmica, causada pela poluição presente na cidade (FEEMA, 2000; FONSECA, 2018).

Figura 2- Climograma representando série histórica de temperatura e precipitação no município de Volta Redonda, Rio de Janeiro (1917 – 2016).



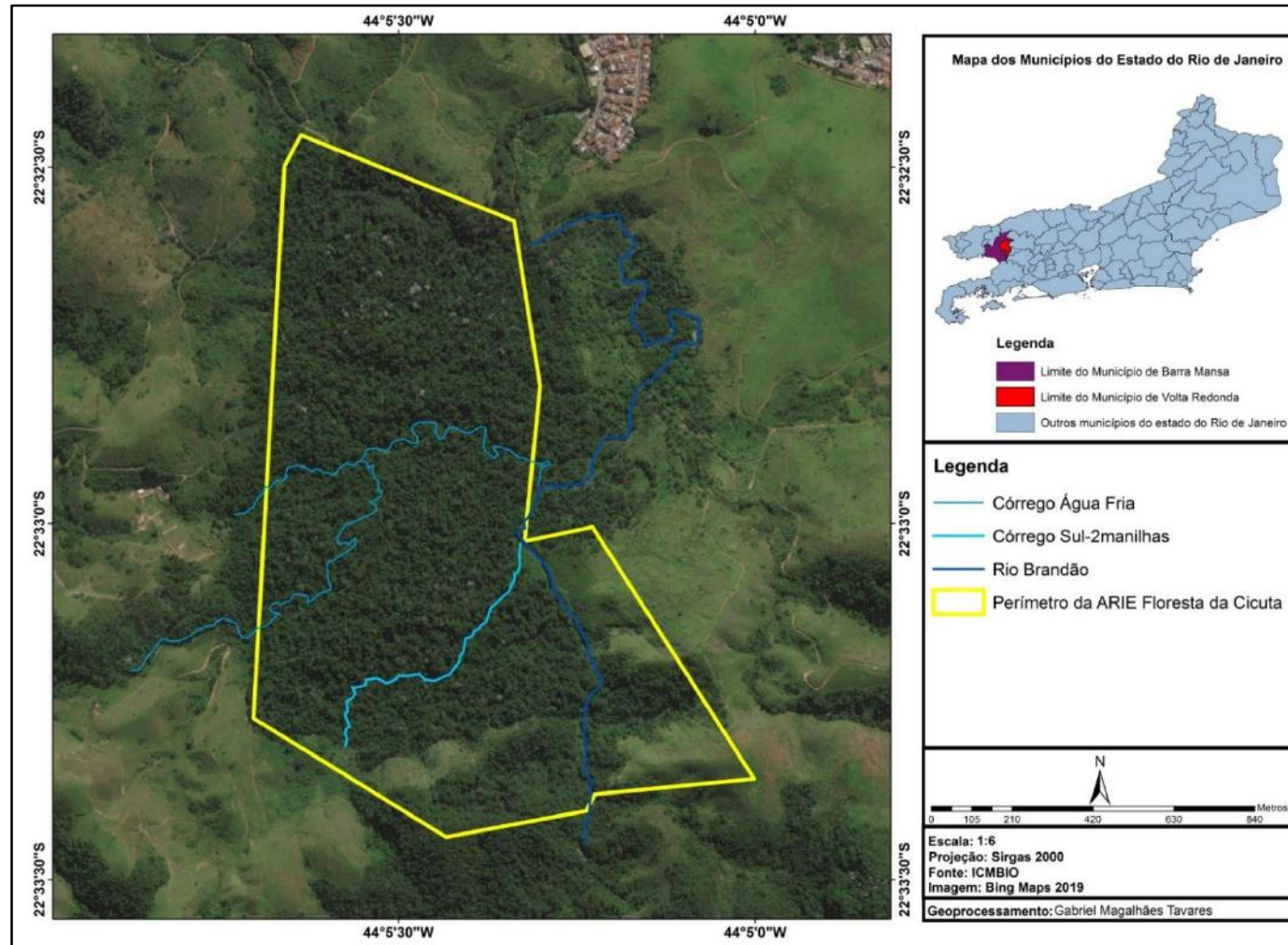
Fonte: Fonseca, 2018.

3.1.4 HIDROGRAFIA

A ARIE Floresta da Cicuta é banhada por dois principais corpos d'água, o rio Brandão e o córrego Água Fria, além de vários pequenos corpos d'água efêmeros (Figura 3). Dentro dos limites da UC o rio Brandão é o único corpo d'água perene, e possui sua nascente no distrito de Getulândia, município de Rio Claro, desaguando no Rio Paraíba do Sul, com aproximadamente 20 km de extensão entre a nascente e a foz (Figura 4). Percorre os limites da ARIE na divisa entre Barra Mansa e Volta Redonda, a leste da UC, sendo ele um divisor geográfico entre esses municípios (FONSECA, 2018). Atualmente o rio Brandão se encontra parcialmente poluído e assoreado, grande parte dessa poluição é proveniente do antigo aterro sanitário do município de Volta Redonda, situado a montante da ARIE Floresta da Cicuta, que mesmo estando inativo desde o ano de 2012, ainda carrega chorume para o Rio Brandão (PEREIRA, 2017; FONSECA, 2018).

Já o córrego Água Fria nasce em uma propriedade rural fora dos limites da ARIE Floresta da Cicuta e deságua no rio Brandão (Figura 5). Sua vazão é bem menor do que a do rio Brandão, mesmo no período chuvoso, bem como sua extensão. Nos meses sem chuvas o córrego fica completamente seco, o que o leva a ser caracterizado como corpo d'água intermitente. Apesar de assoreado, análises bioquímicas de qualidade da água indicam que o Córrego Água Fria contempla a maioria dos parâmetros da legislação vigente por se tratar de um corpo d'água bem preservado (FONSECA, 2018).

Figura 3- Mapa hidrográfico da ARIE Floresta da Cicuta.



Fonte: ICMBIO, 2019.

Figura 4- Vista parcial de um trecho do rio Brandão.

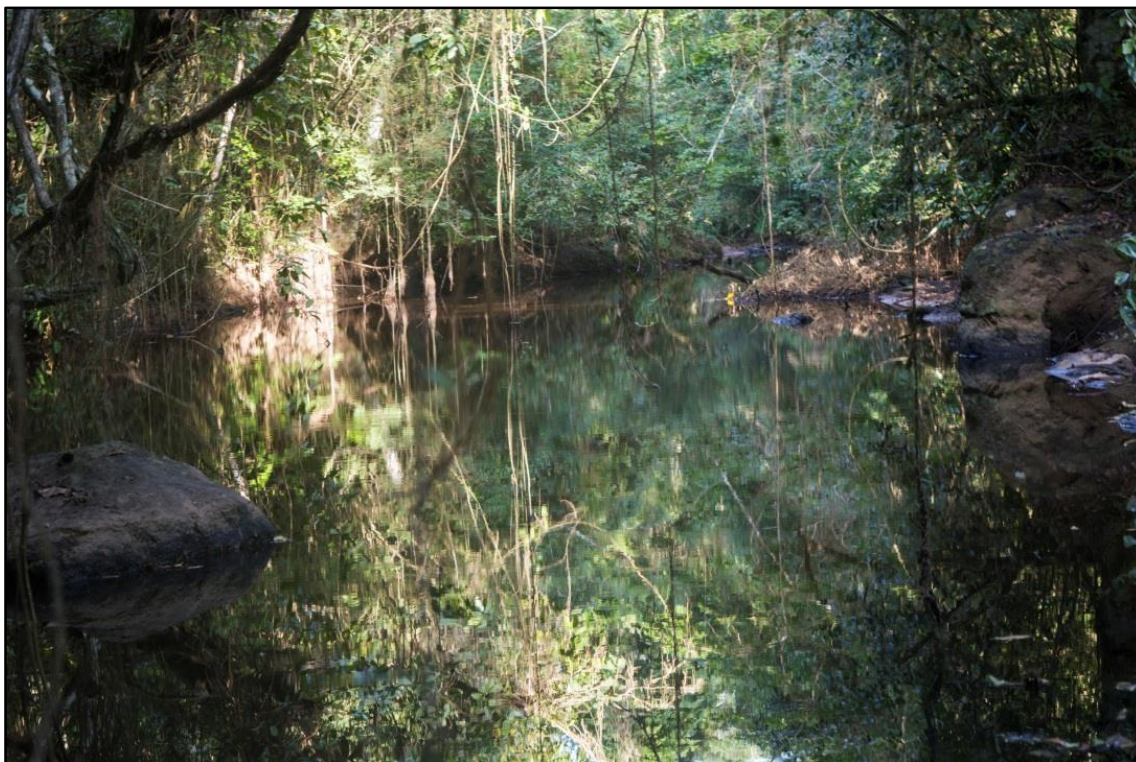


Foto: Gabriel M. Tavares.

Figura 5- Vista parcial de um trecho do córrego Água Fria.



Foto: Gabriel M. Tavares.

3.1.5 VEGETAÇÃO

Dentre os diferentes tipos de formação florestal apresentados pelo bioma Mata Atlântica a ARIE Floresta da Cicuta apresenta vegetação do tipo Floresta Estacional Semidecidual Submontana, caracterizada por um clima estacional (intensas chuvas de verão e seca hibernal) que determina a deciduidade da folhagem da cobertura vegetal, na qual de 20 a 50% dos indivíduos arbóreos perdem as folhas durante o período de estiagem ou estação seca (Figuras 6 e 7) (IBGE, 2012).

Através do levantamento florístico e estrutural da vegetação Souza *et al.* (2007) identificaram 184 espécies botânicas na ARIE Floresta da Cicuta, distribuídas em 113 gêneros e 46 famílias. Dentre as famílias com maior número de indivíduos na UC estão: Euphorbiaceae, Fabaceae, Myrtaceae e Lauraceae (SOUZA *et al.*, 2007). As famílias vegetais encontradas na ARIE Floresta da Cicuta com maiores números de gêneros e espécies não diferem muito das que são encontradas em outros remanescentes de Mata Atlântica (SOUZA, 2002). Entretanto, o elevado número de espécies raras e a baixa similaridade com outros remanescentes próximos revelam o caráter único da UC, ressaltando sua eficácia na conservação das espécies o que, por sua vez, reforça a necessidade de preservação e maior proteção da ARIE Floresta da Cicuta (SOUZA, 2002; SOUZA *et al.*, 2007).

Como a maioria dos fragmentos remanescentes de Mata Atlântica a paisagem ao entorno da ARIE Floresta da Cicuta se encontra nos dias atuais totalmente descaracterizada, apresentando uma proximidade com grandes centros urbanos e um contraste entre a vegetação florestal da UC com a vegetação graminoide das pastagens do entorno (Figura 8), o que intensifica os efeitos de borda na ARIE. O levantamento de Souza *et al.* (2007) também apontou que 28 famílias vegetais são comuns entre as áreas de borda e interior da floresta, totalizando 86 espécies comuns. Tal similaridade da composição sugere que os impactos dos efeitos de borda sobre as características florísticas e estruturais da vegetação se estendem para além dos 100 m a partir dos limites da UC (FARIA, 2005).

Figura 6- Perfil da ARIE Floresta da Cicuta durante a estação chuvosa.



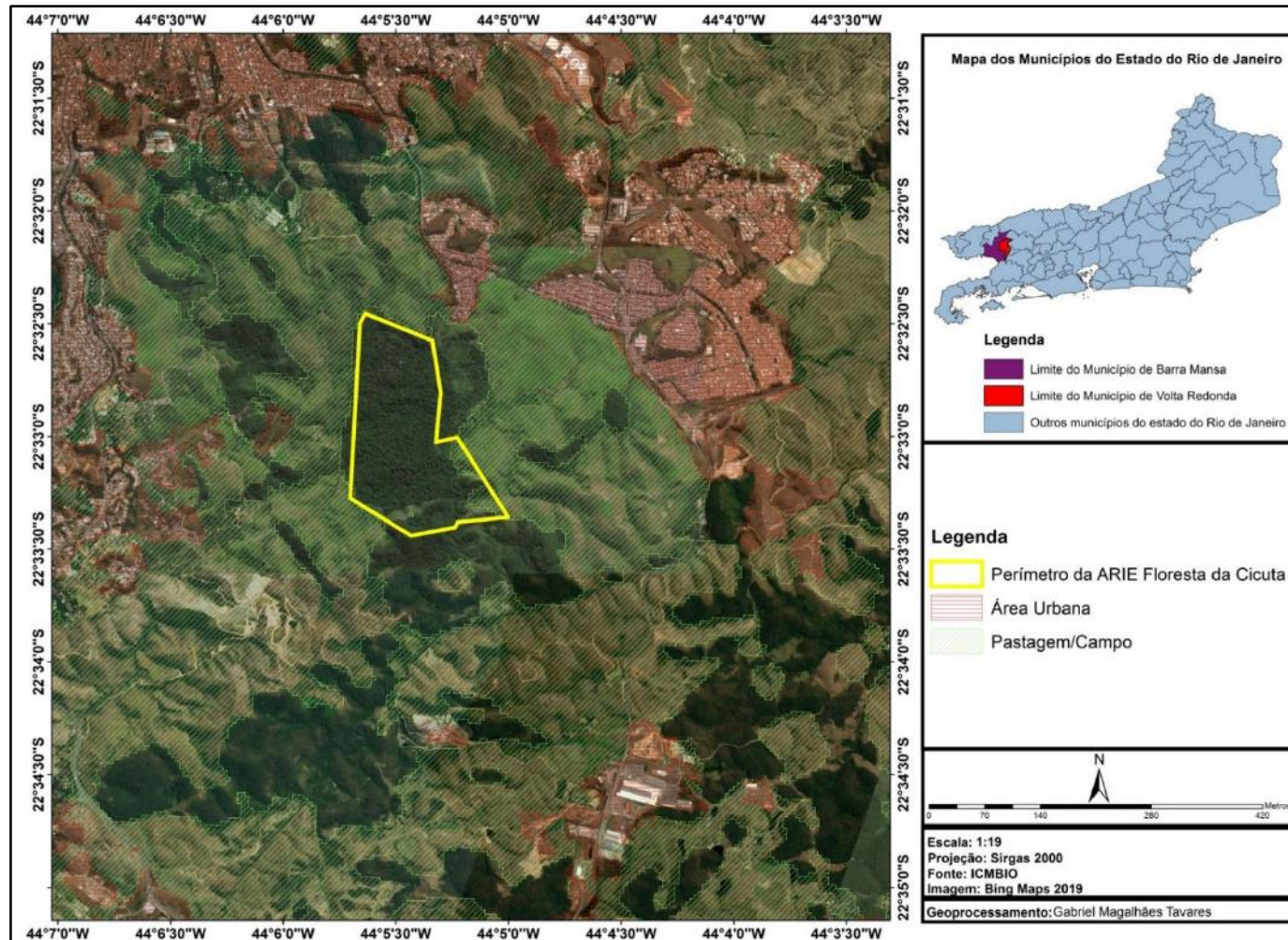
Foto: Gabriel M. Tavares.

Figura 7- Perfil da ARIE Floresta da Cicuta durante a estação seca.



Foto: Gabriel M. Tavares.

Figura 8- Mapa de uso e ocupação do solo no entorno da ARIE Floresta da Cicuta.



Fonte: ICMBIO, 2019.

3.2 COLETA DE DADOS

O estudo da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta foi desenvolvido no período de fevereiro de 2017 a novembro de 2018, sendo amostrados 14 meses compreendendo as estações seca (julho, agosto e setembro de 2017 e junho, julho, agosto e setembro de 2018) e chuvosa (fevereiro, outubro, novembro e dezembro de 2017 e março, outubro e novembro de 2018). Foi realizada uma campanha a cada mês amostrado com duração de três dias/campanha.

As observações eram iniciadas antes do amanhecer (05:00h) e se estendiam por, no mínimo, seis horas, totalizando um esforço amostral de 252 horas. Durante toda a amostragem foi utilizado um binóculo 8x42 (Bushnell Birding Series) para auxiliar o observador (Figura 9A) e, quando a documentação das espécies registradas foi possível, utilizou-se para registros fotográficos câmera fotográfica com lente acoplada (Nikon D3200 e lente de 55-200mm) (Figura 9B) e, para registros bioacústicos, microfone direcional Shotgun (Yoga HT-81) acoplado a câmera fotográfica (Nikon D3200). Todos os registros obtidos foram depositados em arquivo pessoal e no arquivo do ICMBio/ARIE Floresta da Cicuta.

Figura 9- A) Utilização de binóculo para identificação de espécies; B) Utilização de câmera fotográfica para documentação das espécies visualizadas.



Fotos: Jeferson de P. Miranda.

Para a obtenção dos dados foi utilizada a metodologia de pontos fixos, que consiste em registrar através de contatos visuais e/ou auditivos indivíduos a partir de um local fixo durante um determinado intervalo de tempo (Figura 10). Para florestas

tropicais, onde a maior parte dos registros da avifauna é acústica, essa é a metodologia mais indicada (BIBBY *et al.*,1993; DEVELEY, 2003).

Figura 10- Coleta de dados das espécies registradas em um dos pontos fixos.



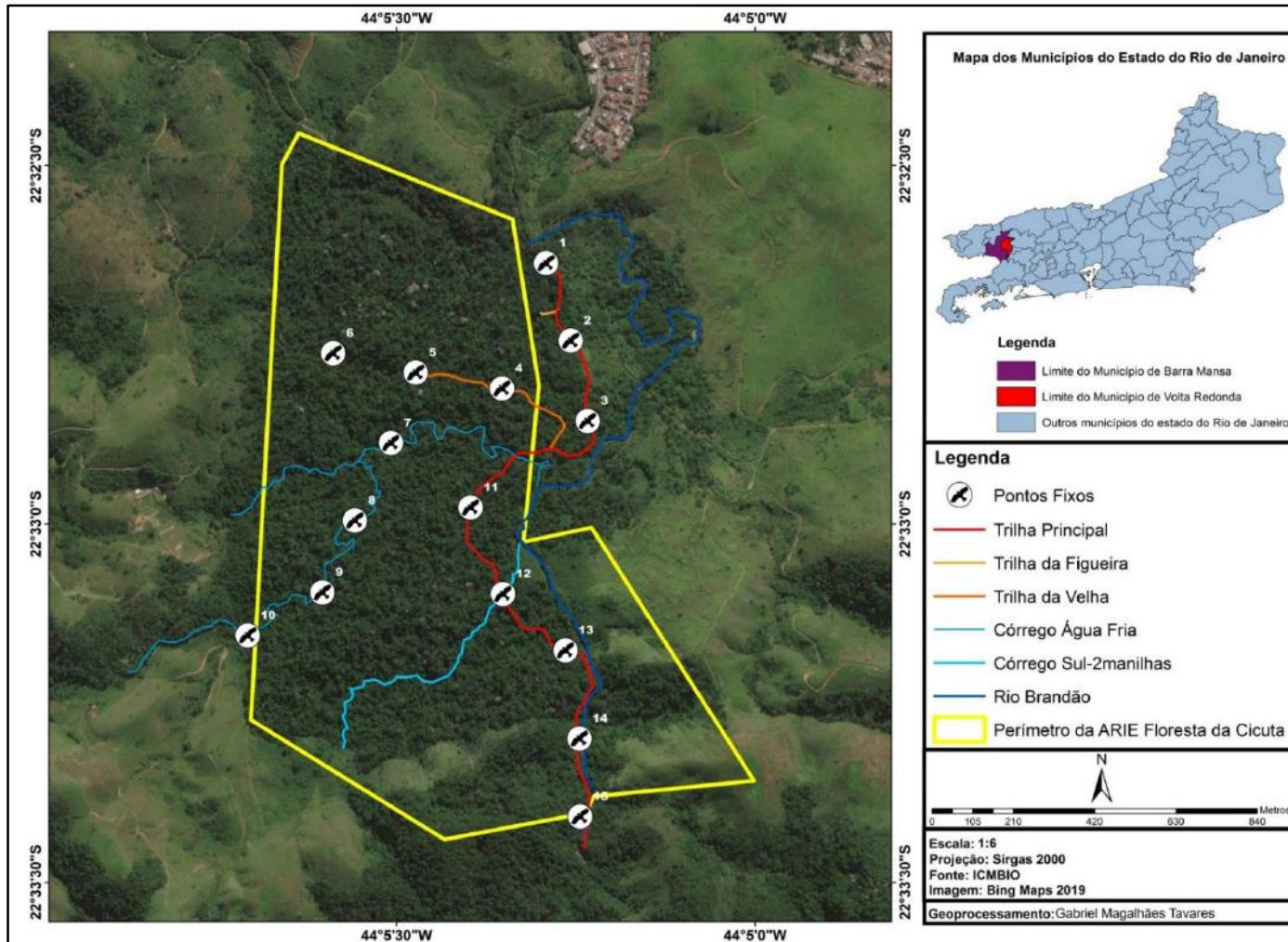
Foto: Jeferson de P. Miranda.

Foram selecionados 15 pontos distantes pelo menos 200m entre si em trilhas preexistentes da ARIE Floresta da Cicuta (Tabela 1; Figura 11), que variam em tamanho e fisionomia, onde eram registradas todas as aves em um raio de 100 m a partir do centro do ponto. A distância entre os pontos e o raio de amostragem tem por finalidade reduzir a interferência entre as unidades amostrais, permitindo a independência das amostras (BIBBY *et al.*,1993; THOMPSON *et al.*, 2002; DEVELEY, 2003).

Tabela 1- Localização dos pontos fixos utilizados para a amostragem da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta.

Pontos	Latitude	Longitude	Elevação (m)
1	22°32'38.17"S	44° 5'17.50"O	397
2	22°32'44.66"S	44° 5'15.43"O	404
3	22°32'51.38"S	44° 5'14.02"O	403
4	22°32'48.66"S	44° 5'21.18"O	420
5	22°32'47.33"S	44° 5'28.40"O	431
6	22°32'45.71"S	44° 5'35.31"O	443
7	22°32'53.22"S	44° 5'30.48"O	423
8	22°32'59.70"S	44° 5'33.49"O	425
9	22°33'5.72"S	44° 5'36.21"O	433
10	22°33'9.33"S	44° 5'42.47"O	424
11	22°32'58.62"S	44° 5'23.81"O	416
12	22°33'5.86"S	44° 5'21.10"O	417
13	22°33'10.59"S	44° 5'15.87"O	419
14	22°33'17.97"S	44° 5'14.70"O	418
15	22°33'24.49"S	44° 5'14.64"O	434

Figura 11- Mapa de amostragem da avifauna na ARIE Floresta da Cicuta.



Eram amostrados cinco pontos/dia, onde em cada ponto o observador permanecia por 20 minutos, tempo recomendado para amostragem em áreas de floresta neotropicais (VIELLIARD & SILVA, 1990; ZANZINI & ALEXANDRINO, 2008; VIELLIARD *et al.*, 2010). Além dos registros obtidos nos pontos, espécies registradas nos deslocamentos entre esses foram anotadas, mas sem considerar a abundância das mesmas, sendo esses dados utilizados apenas para compor a lista final de espécies.

Ainda foram utilizadas duas metodologias complementares, a técnica do *playback* (Figura 12A) e observações *ad libitum* (Figura 12B). A primeira consiste em reproduzir, por meio de uma fonte sonora, o canto ou o chamado de determinada espécie. Essa técnica tem por objetivo detectar espécies menos conspícuas (*e.g.* falcões florestais e corujas) que quando incitadas pelo canto e/ou chamado podem ser detectadas, seja pela resposta vocal, seja pela aproximação da fonte sonora (VIELLIARD & SILVA, 2010). A segunda consiste no caminhar em trilhas preexistentes anotando todas as espécies observadas e/ou ouvidas. Essa metodologia foi aplicada entre 05:00 e 06:00 da manhã e após a amostragem por pontos fixos, até que se completasse pelo menos seis horas amostrais/dia. Assim como as espécies registradas durante o deslocamento entre os pontos, as espécies registradas através dessas metodologias não tiveram sua abundância considerada, apenas compuseram a lista final de espécies.

Figura 12- A) Utilização da técnica de *playback*; B) Observação *ad libitum*.



Fotos: Jeferson de P. Miranda.

Durante a realização do inventário da avifauna da ARIE Floresta da Cicuta, acontecia simultaneamente o inventário de mamíferos de médio e grande porte através de armadilhas fotográficas (FURTADO, 2019), através das quais eventualmente ocorreram registros de aves, sendo tais registros também utilizados para compor a lista de espécies de aves da UC.

A avifauna foi classificada quanto aos hábitos alimentares e quanto a sua dependência florestal e, para isso, foram utilizadas as observações em campo e bibliografias especializadas (WILLIS, 1979; MOTTA-JÚNIOR, 1990; STOTZ *et al.*, 1996; SICK, 2001; MARINI & CAVALCANTI, 1998; SILVA, 1995; BAGNO & MARINHO-FILHO, 2001; SILVA *et al.*, 2003; WILMAN *et al.*, 2014).

As aves também foram classificadas quanto a sensibilidade a distúrbios ambientais, seguindo a classificação proposta por STOTZ *et al.* (1996). Com base nas listas de espécies ameaçadas de extinção em âmbito global (International Union for Conservation of Nature (IUCN, 2019)), nacional (ICMBio/Ministério do Meio Ambiente (MMA), 2018) e estadual – Rio de Janeiro (BERGALLO *et al.*, 2000) foi indicado o status de conservação das aves registradas. Através de informações obtidas na literatura as aves foram classificadas quanto ao seu endemismo (a nível de bioma e/ou Brasil) (LEITE, 2006; PIACENTINI *et al.*, 2015; VALE *et al.*, 2018). Já para determinar quais espécies possuem hábitos migratórios, foi utilizada a literatura SOMENZARI *et al.*, 2018. A avaliação da qualidade ambiental da ARIE Floresta da Cicuta a partir da avifauna foi realizada considerando a presença/ausência de determinadas espécies, principalmente aquelas consideradas bioindicadoras.

Vale ressaltar que quando necessárias consultas à literatura ornitológica foram feitas (*e.g.* SICK, 2001; SIGRIST, 2013; RIDGELY *et al.*, 2015). Buscas para comparações de mídias (fotos e sons) foram realizadas, (*e.g.* Wiki Aves e Xeno-canto), e a classificação hierárquica (nomenclatura, sequência taxonômica e nomes populares) segue o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (PIACENTINI *et al.*, 2015).

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A abundância relativa de cada espécie foi definida por meio do Índice Pontual de Abundância (IPA), que consiste na divisão do número de contatos obtidos com a *i*-ésima espécie pelo número total de pontos fixos (ALEIXO & VIELLIARD, 1995; ZANZINI & ALEXANDRINO, 2008; VIELLIARD *et al.*, 2010).

$$IPA = \frac{nCi}{A}$$

Onde:

IPA = Índice Pontual de Abundância;

nCi = número de contatos com a *i*-ésima espécie;

A = número total de amostras.

Para verificar a eficiência da amostragem, foi elaborada uma curva cumulativa de espécies, a partir dos dados de presença e ausência das espécies, em cada mês amostral. Considerando a abundância relativa obtida pelo IPA de cada espécie foi calculado o Índice de Diversidade de Shannon-Wiener (H') (MAGURRAN, 2011). Testes t pareados foram utilizados para avaliar se houve diferenças na riqueza e na abundância das espécies de aves entre os períodos seco e chuvoso. Para os cálculos estatísticos foram consideradas apenas as espécies registradas através dos pontos fixos. Aquelas registradas através de outras metodologias compuseram apenas a lista final de espécies. Tanto para os cálculos quanto para a curva cumulativa foi utilizado o programa *Past* (HAMMER *et al.*, 2001).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RIQUEZA E COMPOSIÇÃO ESPECÍFICA

Foram registradas 216 espécies de aves distribuídas em 20 ordens, 49 famílias e 182 gêneros (Tabela 2). A ordem Passariformes apresentou a maior diversidade de táxons, com cerca de 60% das espécies registradas (129 espécies), enquanto as famílias mais representativas foram Tyrannidae (28 espécies) e Thraupidae (24 espécies) (Figuras 13 e 14). Ao longo deste estudo foram obtidos nove registros inéditos para a ARIE Floresta da Cicuta: *Theristicus caudatus*, *Elanoides forficatus*, *Harpagus diodon*, *Pulsatrix koeniswaldiana*, *Micrastur semitorquatus*, *Drymophila ferruginea*, *Myiarchus tyrannulus*, *Haplospiza unicolor* e *Saltator fuliginosus*.

Tabela 2- Lista das espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta. **Local de Registro:** ARIE FC = ARIE Floresta da Cicuta; **IPA** = Índice Pontual de Abundância; **Status:** R = Residente, PM = Parcialmente Migratória, MG = Migratória, Rep = Reproduz no Brasil, *Espécies que devem ser priorizadas em estudos posteriores; **Sensibilidade a Distúrbios Ambientais:** B = Baixa, M = Média, A = Alta; **Status de Conservação:** PP = Pouco Preocupante, QA = Quase Ameaçada, PA = Presumivelmente Ameaçada, VU = Vulnerável; **Dieta Alimentar Predominante:** CAR = Carnívora, DET = Detritívora, FRU = Frugívora, GRA = Granívora, INS = Insetívora, NEC = Nectarívora, ONI = Onívora; **Endemismo:** BR = Endêmica do Brasil, MA = Endêmica da Mata Atlântica; **Dependência Florestal:** I = Independente, espécie associada a vegetações abertas, SD = Semidependente, espécie que ocorre nos mosaicos formados pelo contato entre florestas e formações vegetais abertas, D = Dependente, espécie que ocorre exclusivamente em ambientes florestais.

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal	
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual				
TINAMIFORMES															
Tinamidae															
<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-chintã	X	X	X	X	0,29	R	B	PP	-	-	ONI	-	D	
ANSERIFORMES															
Anatidae															
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Ananái	X		X	X	0,01	R	B	PP	-	-	ONI	-	I	
GALLIFORMES															
Cracidae															
<i>Penelope obscura</i>	Jacuguaçu	X	X	X	X	0,11	R	M	PP	-	-	FRU	-	D	

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
SULIFORMES														
Phalacrocoracidae														
<i>Nannopterum brasilianus</i>	Biguá	X			X	0	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
Anhingidae														
<i>Anhinga anhinga</i>	Biguatinga	X			X	0	R	M	PP	-	VU	CAR	-	I
PELECANIFORMES														
Ardeidae														
<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	X		X		0	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Nycticorax nycticorax</i>	Socó-dorminhoco	X		X		0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Butorides striata</i>	Socozinho	X	X	X	X	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	X		X	X	0,02	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura	X		X		0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Ardea alba</i>	Garça-branca	X		X		0,01	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	X		X		0	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real	X		X		0,005	R	M	PP	-	PA	ONI	-	I
<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	X		X		0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
Threskiornithidae														
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	X			X	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
CATHARTIFORMES														
Cathartidae														
<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	X		X	X	0,09	R	B	PP	-	-	DET	-	I
<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	X		X	X	0,02	R	M	PP	-	-	DET	-	I
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu	X	X	X	X	0,39	R	B	PP	-	-	DET	-	I
ACCIPITRIFORMES														
Accipitridae														
<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-gato	X		X		0,03	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura	X			X	0	PM*/Rep	M	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Harpagus diodon</i>	Gavião-bombachinha	X		X		0	MG/Rep	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo	X			X	0	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	X		X	X	0,07	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	X			X	0	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta	X	X	X	X	0,005	R	M	PP	-	-	CAR	-	SD
GRUIFORMES														
Aramidae														
<i>Aramus guaraúna</i>	Carão	X		X		0,005	R	M	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
Rallidae														
<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	X	X	X	X	0,11	R	M	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Laterallus melanophaius</i>	Sanã-parda		X		X	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-sanã		X		X	0	R	M	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Gallinula galeata</i>	Galinha-d'água	X			X	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Porphyrio martinicus</i>	Frango-d'água-azul	X			X	0	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
CHARADRIIFORMES														
Charadriidae														
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	X			X	0,06	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
COLUMBIFORMES														
Columbidae														
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha	X	X	X	X	0,13	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Patagioenas picazuro</i>	Asa-branca	X	X	X	X	0,28	R	M	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega	X	X	X	X	0,08	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	X	X	X	X	0,27	R	B	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-de-testa-branca	X	X	X	X	0,26	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Geotrygon montana</i>	Pariri				X	0	R	M	PP	-	-	FRU	-	D

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro		IPA	Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC				Global	Nacional	Estadual			
CUCULIFORMES														
Cuculidae														
<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	X	X	X	X	0,06	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	X	X	X	X	0,07	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	X	X	X	X	0,04	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Tapera naevia</i>	Saci	X	X	X	X	0,15	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
STRIGIFORMES														
Strigidae														
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato		X	X	X	0,01	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	Murucututu-de-barriga-amarela	X	X	X		0,005	R	A	PP	-	-	CAR	MA	D
<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé		X	X		0,01	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	X	X		X	0	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda		X	X		0	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
CAPRIMULGIFORMES														
Caprimulgidae														
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju	X	X		X	0	PM/Rep	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Hydropsalis torquata</i>	Bacurau-tesoura	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	SD

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
APODIFORMES														
Apodidae														
<i>Streptoprocne zonaris</i>	Taperuçu-de-coleira-branca	X		X	X	0,02	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal	X		X	X	0,06	MG*/Rep	B	PP	-	-	INS	-	SD
Trochilidae														
<i>Glaucis hirsutus</i>	Balança-rabo-de-bico-torto	X		X		0,01	R	B	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Phaethornis ruber</i>	Rabo-branco-rubro	X		X		0,09	R	M	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-acanelado	X		X		0,1	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	X		X	X	0,04	R	B	PP	-	-	NEC	-	I
<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto	X		X		0,02	PM*/Rep	M	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Colibri serrirostris</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta	X		X		0,01	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Lophornis magnificus</i>	Topetinho-vermelho	X	X	X	X	0,01	R	B	PP	-	-	NEC	BR	SD
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	X	X	X		0,1	R	B	PP	-	-	NEC	-	I
<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-fronte-violeta	X		X		0,15	R	M	PP	-	-	NEC	MA	D
<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul	X		X		0,05	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Calliphlox amethystina</i>	Estrelinha-ametista	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
CORACIIFORMES														
Alcedinidae														
<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	X		X	X	0,02	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde	X		X	X	0,005	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	X		X	X	0,005	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
GALBULIFORMES														
Bucconidae														
<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	-	I
PICIFORMES														
Ramphastidae														
<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu	X	X	X	X	0,16	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
Picidae														
<i>Picumnus cirratus</i>	Picapauzinho-barrado	X	X	X		0,28	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-branco	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Veniliornis maculifrons</i>	Picapauzinho-de-testa-pintada	X	X	X		0,08	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Piculus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado	X		X		0,01	R	M	QA	-	-	INS	MA	D
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	X	X	X		0,01	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	X	X	X	X	0,02	R	B	PP	-	-	INS	-	I

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca	X	X	X		0,02	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei	X	X	X		0,06	R	M	PP	-	PA	INS	MA	D
FALCONIFORMES														
Falconidae														
<i>Caracara plancus</i>	Carcará	X	X	X	X	0,11	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	X	X	X	X	0,05	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	X	X	X		0,03	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Micrastur ruficollis</i>	Falcão-caburé		X	X		0,01	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Micrastur semitorquatus</i>	Falcão-relógio		X	X		0,03	R	M	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
PSITTACIFORMES														
Psittacidae														
<i>Primolius maracana</i>	Maracanã	X	X	X	X	1,14	R	M	QA	-	-	FRU	-	SD
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Periquitão	X	X	X	X	1,61	R	B	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	X	X	X	X	0,23	R	M	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca	X	X	X	X	0,98	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Amazona rhodocorytha</i>	Chauá	X	X	X		0,01	R	M	VU	VU	VU	FRU	MA/BR	D

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro		IPA	Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC				Global	Nacional	Estadual			
PASSERIFORMES														
Thamnophilidae														
<i>Rhopias gularis</i>	Choquinha-de-garganta-pintada		X	X		0,1	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Dysithamnus stictothorax</i>	Choquinha-de-peito-pintado	X	X	X		0,17	R	M	QA	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Dysithamnus mentalis</i>	Choquinha-lisa	X	X	X		0,41	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho-de-asa-vermelha		X	X		0,15	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho	X	X	X	X	0,18	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca-da-mata	X	X	X	X	0,42	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó		X	X		0,12	R	A	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul		X	X		0,11	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Drymophila ferruginea</i>	Trovoada		X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Conopophagidae														
<i>Conopophaga lineata</i>	Chupa-dente	X	X	X		0,14	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Conopophaga melanops</i>	Cuspidor-de-máscara-preta	X	X	X		0,13	R	A	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Formicariidae														
<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato	X	X	X		0,54	R	A	PP	-	-	INS	-	D
Scleruridae														
<i>Sclerurus scansor</i>	Vira-folha	X	X	X		0,1	R	A	PP	-	-	INS	MA	D

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
Dendrocolaptidae														
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	X	X	X	X	0,08	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu-rajado	X	X	X		0,1	R	A	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Campylorhamphus falcularius</i>	Arapaçu-de-bico-torto	X	X	X		0,07	R	A	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-de-cerrado	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	Arapaçu-escamoso	X	X	X		0,02	R	A	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Xenopidae														
<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Furnariidae														
<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couro-da-lama	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	BR	I
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	X	X	X		0,005	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Lochmias nematura</i>	João-porca	X	X	X		0,16	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Philydor rufum</i>	Limpa-folha-de-testa-baia		X	X		0,03	R	A	PP	-	-	INS	-	D
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-de-pau	X	X		X	0	R	M	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	João-botina-da-mata	X	X	X		0,13	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	Curutié	X	X	X	X	0,01	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé	X	X	X	X	0,48	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Synallaxis albescens</i>	Uí-pi	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném		X	X	X	0,14	R	B	PP	-	-	INS	-	D

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro		IPA	Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC				Global	Nacional	Estadual			
<i>Cranioleuca pallida</i>	Arredio-pálido		X	X		0,03	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Pipridae														
<i>Manacus manacus</i>	Rendeira	X	X	X		0,14	R	B	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará	X	X	X		0,28	R	B	PP	-	-	FRU	MA	D
Tityridae														
<i>Schiffornis virescens</i>	Flautim		X	X		0,02	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto	X	X	X	X	0,05	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro-de-chapéu-preto	X	X	X		0,01	PM*/Rep	M	PP	-	-	ONI	-	D
Platyrrhinidae														
<i>Platyrrhinus mystaceus</i>	Patinho	X	X	X		0,2	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Rhynchocyclidae														
<i>Mionectes rufiventris</i>	Abre-asa-de-cabeça-cinza	X	X	X		0,03	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo	X	X	X		0,05	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Corythopsis delalandi</i>	Estalador	X	X	X		0,33	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta	X	X	X		0,12	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque	X	X	X		0,09	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	X	X	X	X	0,03	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	Tororó	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho		X	X		0,01	R	B	PP	-	-	INS	MA	D

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
<i>Hemitriccus orbitatus</i>	Tiririzinho-do-mato	X	X	X		0,02	R	M	QA	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha		X	X		0,04	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	SD
Tyrannidae														
<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro	X	X	X	X	0,02	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha	X	X	X	X	0,07	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela		X	X	X	0,02	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Myiopagis caniceps</i>	Guaracava-cinzenta		X	X	X	0,01	R	M	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Piolhinho	X	X	X	X	0,06	R	M	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Attila rufus</i>	Capitão-de-saíra	X	X	X		0,15	R	M	PP	-	-	ONI	MA/BR	D
<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irré	X	X	X	X	0,005	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira	X	X	X	X	0,04	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Sirystes sibilator</i>	Gritador		X		X	0	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	X	X	X	X	0,14	PM*/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	X	X	X	X	0,04	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei	X	X	X	X	0,06	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Myiozetetes similis</i>	Bentevizinho-de-penacho-vermelho	X	X	X	X	0,04	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	X	X	X	X	0,04	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha	X		X	X	0,01	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	X	X	X	X	0,03	PM*/Rep	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Colonia colonus</i>	Viuvinha	X	X	X	X	0,07	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe	X	X	X		0,11	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Gubernetes yetapa</i>	Tesoura-do-brejo	X			X	0	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu	X	X	X	X	0,03	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado	X	X	X	X	0,07	PM/Rep	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Knipolegus lophotes</i>	Maria-preta-de-penacho	X			X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Satrapa icterophrys</i>	Suiriri-pequeno	X			X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Xolmis cinereus</i>	Primavera	X		X	X	0,005	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Xolmis velatus</i>	Noivinha-branca	X			X	0	R	M	PP	-	-	INS	-	I
Vireonidae														
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari	X	X	X	X	0,17	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	Vite-vite-de-olho-cinza	X	X	X		0,03	R	M	PP	-	-	ONI	BR	D
<i>Hylophilus thoracicus</i>	Vite-vite	X	X	X		0,09	R	A	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Vireo chivi</i>	Juruviara	X	X	X		0,02	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	D
Corvidae														
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	X	X	X	X	0,01	R	M	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			IPA	Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	ARIE FC				Global	Nacional	Estadual			
Hirundinidae															
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa	X		X	X		0,19	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora	X		X	X		0,06	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Progne tapera</i>	Andorinha-do-campo	X		X	X		0,09	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
Troglodytidae															
<i>Troglodytes musculus</i>	Corruíra	X	X	X	X		0,13	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Cantorchilus longirostris</i>	Garrinchão-de-bico-grande	X	X	X	X		0,43	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Turdidae															
<i>Turdus flavipes</i>	Sabiá-una		X	X			0,01	MG/Rep	M	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branco	X	X	X	X		0,33	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	X	X	X	X		0,27	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca	X	X	X	X		0,14	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira	X	X	X	X		0,09	R	M	PP	-	-	ONI	-	D
Mimidae															
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	X	X	X	X		0,005	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
Passerellidae															
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	X	X	X	X		0,005	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo	X	X		X		0	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Arremon semitorquatus</i>	Tico-tico-do-mato		X	X			0,08	R	M	PP	-	-	ONI	MA/BR	D

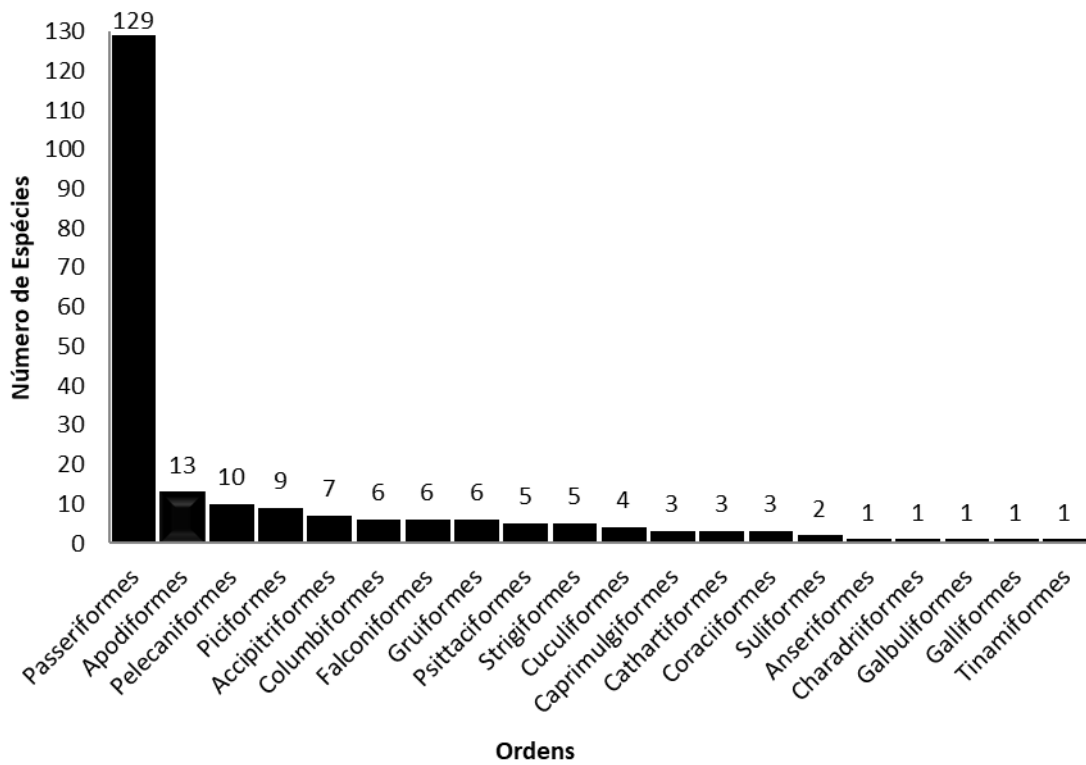
Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal	
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual				
Parulidae															
<i>Setophaga pitiayumi</i>	Mariquita	X	X	X	X	0,13	R	M	PP	-	-	INS	-	D	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra	X	X	X	X	0,02	R	B	PP	-	-	INS	-	I	
<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula	X	X	X	X	0,68	R	M	PP	-	-	INS	-	D	
Icteridae															
<i>Psarocolius decumanus</i>	Japu	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	ONI	-	SD	
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	Garibaldi	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I	
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I	
Thraupidae															
<i>Tangara cyanoventris</i>	Saíra-douradinha	X	X	X		0,22	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D	
<i>Tangara desmaresti</i>	Saíra-lagarta	X	X	X		0,02	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D	
<i>Tangara sayaca</i>	Sanhaço-cinzento	X	X	X	X	0,1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD	
<i>Tangara palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD	
<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela	X	X	X	X	0,07	R	M	PP	-	-	ONI	-	I	
<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto	X	X	X		0,02	R	B	PP	-	-	ONI	-	D	
<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho	X	X	X		0,02	R	B	PP	-	-	ONI	-	D	
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	GRA	-	I	
<i>Haplospiza unicolor</i>	Cigarra-bambu		X	X		0,06	R	M	PP	-	-	INS	MA	D	
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	Saíra-ferrugem	X	X	X		0,04	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	D	

Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	X	X	X	X	0,12	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Trichothraupis melanops</i>	Tiê-de-topete	X	X	X		0,18	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Coryphospingus pileatus</i>	Tico-tico-rei-cinza	X	X	X	X	0,005	R	B	PP	-	-	GRA	-	SD
<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto	X	X	X	X	0,21	R	B	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	X	X	X	X	0,15	R	B	PP	-	-	ONI	MA/BR	D
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha	X			X	0	PM*/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	X	X	X	X	0,07	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	X	X	X	X	0,06	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho	X	X	X	X	0,08	PM*/Rep	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Sporophila leucoptera</i>	Chorão	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Emberizoides herbicola</i>	Canário-do-campo	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro	X	X	X	X	0,12	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Saltator fuliginosus</i>	Bico-de-pimenta	X	X	X		0,01	R	M	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Thlypopsis sordida</i>	Saí-canário	X		X		0,04	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
Cardinalidae														
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo	X			X	0	R	B	PP	-	-	FRU	-	I
<i>Habia rubica</i>	Tiê-de-bando	X	X	X		1,18	R	A	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão	X	X	X	X	0,06	R	M	PP	-	VU	ONI	-	D

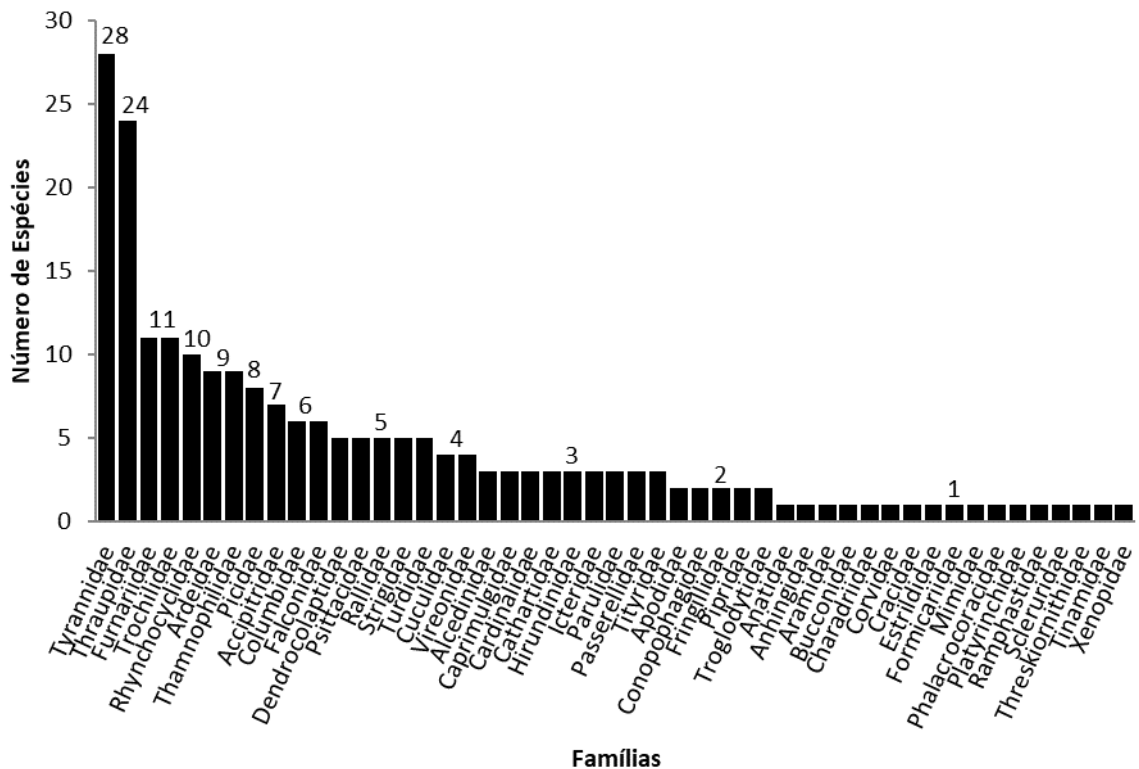
Táxon	Nome Popular	Tipo de Registro		Local de Registro			Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Visual	Bioacústico	ARIE FC	Entorno da ARIE FC	IPA			Global	Nacional	Estadual			
Fringillidae														
<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	X	X	X	X	0,16	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
Estrildidae														
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	X	X		X	0	R	B	PP	-	-	GRA	-	I

¹ Classificação das espécies migratórias baseada em Somenzari *et al.*, 2018;

² Status de conservação de acordo com IUCN (2019) [Global], ICMBio (2018) [Nacional] e Bergallo *et al.* (2000) [Estadual].

Figura 13- Número de espécies de aves por Ordem na ARIE Floresta da Cicuta.

Fonte: Tavares, 2019.

Figura 14- Número de espécies de aves por Família na ARIE Floresta da Cicuta.

Fonte: Tavares, 2019.

Das 216 espécies inventariadas, uma (*Geotrygon montana*) foi registrada exclusivamente através de armadilha fotográfica, no âmbito do levantamento de mamíferos terrestres da ARIE Floresta da Cicuta (FURTADO, 2019). No entanto, esse registro foi obtido em dezembro de 2018, quando a coleta de dados do presente trabalho já havia terminado. Desta forma, essa espécie não foi incluída nas análises estatísticas, sendo considerada apenas para compor a lista de espécies da ARIE.

Em relação a diversidade de espécies na área de estudo, o índice de diversidade obtido é considerado significativo ($H' = 4,363$), uma vez que o valor do índice de Shannon raramente ultrapassa 4 (MAGURRAN, 2011). Desta forma, podemos considerar que a ARIE Floresta da Cicuta abriga uma comunidade de aves diversificada.

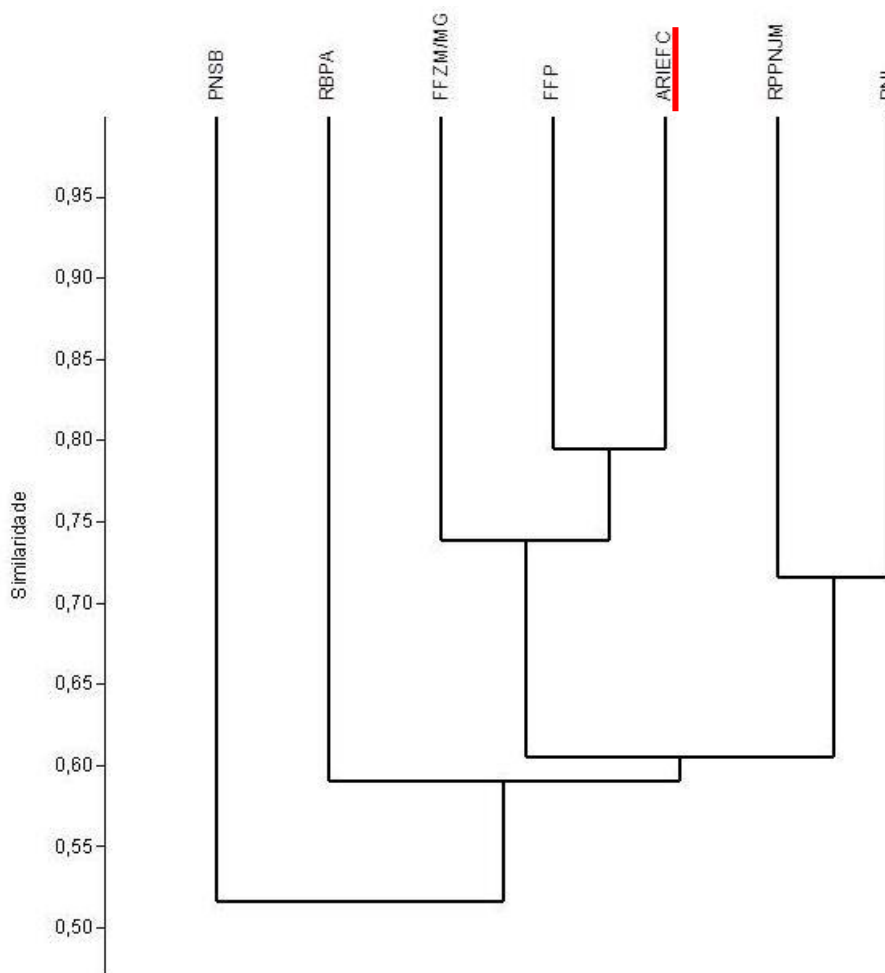
Vale ressaltar também que a ARIE é um dos últimos fragmentos preservados da região conhecida como Médio Vale do Paraíba, que abrange os municípios de Barra do Piraí, Barra Mansa, Itatiaia, Pinheiral, Piraí, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro, Rio das Flores, Valença e Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Essa região sofreu forte antropização durante o denominado Ciclo do Café, quando a quase totalidade da vegetação nativa foi substituída pela pecuária e monocultura cafeeira. Atualmente, os fragmentos florestais remanescentes permanecem ameaçados pelo crescente avanço industrial e pela urbanização, como no caso da ARIE Floresta da Cicuta, onde a proximidade a dois centros urbanos exerce uma pressão direta sobre a comunidade de aves, principalmente através da caça e da intensificação dos efeitos de borda.

Comparando com outros estudos realizados na Mata Atlântica (RIBON *et al.*, 2004; RENNÓ & GAGLIARDI, 2011; MANHÃES & LOURES-RIBEIRO, 2011; MONTEIRO *et al.*, em preparação; BATISTA JR, 2015), observa-se que a avifauna ocorrente na ARIE Floresta da Cicuta possui uma composição esperada para esse bioma, apresentando grande similaridade com comunidades de aves de outros remanescentes de Floresta Estacional Semidecidual, particularmente com comunidades de fragmentos florestais do município de Pinheiral/RJ (Tabela 3; Figura 15).

Tabela 3- Índice de Similaridade de Sorensen entre a ARIE Floresta da Cicuta e outras áreas pesquisadas no bioma Mata Atlântica. **ARIEFC** = Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta (Barra Mansa e Volta Redonda/RJ; este estudo); **FFP** = Fragmentos Florestais do Município de Pinheiral/RJ (BATISTA JR, 2015); **RPPNJM** = Reserva Particular do Patrimônio Natural Jorge Monteiro (Piraí/RJ; MONTEIRO *et al.*, em preparação); **FFZM/MG** = Fragmentos Florestais da Zona da Mata de Minas Gerais (Municípios de Goianá, Rio Novo, Coronel Pacheco e Juiz de Fora; RIBON *et al.*, 2004); **RBPA** = Reserva Biológica Municipal Poço D’Anta (Juiz de Fora/MG; MANHÃES & LOURES-RIBEIRO, 2011); **PNI** = Parque Nacional do Itatiaia (Itamonte/MG, Itatiaia e Resende/RJ; RENNÓ & GAGLIARDI, 2011); **PNSB** = Parque Nacional da Serra da Bocaina (São José do Barreiro/SP; MORAES & CAVARZERE JR, 2015). **Fitofisionomia Predominante:** **FES** = Floresta Estacional Semidecidual; **FOD** = Floresta Ombrófila Densa.

	ARIEFC	FFP	RPPNJM	FFZM/MG	RBPA	PNI	PNSB	Fitofisionomia Predominante
ARIEFC	1							FES
FFP	0,7954	1						FES
RPPNJM	0,7319	0,6849	1					FES
FFZM/MG	0,7186	0,7588	0,6096	1				FES
RBPA	0,6721	0,5738	0,6040	0,5689	1			FES
PNI	0,5943	0,5267	0,7154	0,4830	0,5341	1		FOD
PNSB	0,5319	0,5160	0,5295	0,5116	0,4744	0,5315	1	FOD

Figura 15- Similaridade avifaunística segundo o Índice de Sorensen. **PNSB** = Parque Nacional da Serra da Bocaina (São José do Barreiro/SP; MORAES & CAVARZERE JR, 2015); **RBPA** = Reserva Biológica Municipal Poço D’Anta (Juiz de Fora/MG; MANHÃES & LOURES-RIBEIRO, 2011); **FFZM/MG** = Fragmentos Florestais da Zona da Mata de Minas Gerais (Municípios de Goianá, Rio Novo, Coronel Pacheco e Juiz de Fora; RIBON *et al.*, 2004); **FFP** = Fragmentos Florestais do Município de Pinheiral/RJ (BATISTA JR, 2015); **ARIEFC** = Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta (Barra Mansa e Volta Redonda/RJ; este estudo); **RPPNJM** = Reserva Particular do Patrimônio Natural Jorge Monteiro (Piraí/RJ; MONTEIRO *et al.*, em preparação); **PNI** = Parque Nacional do Itatiaia (Itamonte/MG, Itatiaia e Resende/RJ; RENNÓ & GAGLIARDI, 2011).



Fonte: Tavares, 2019.

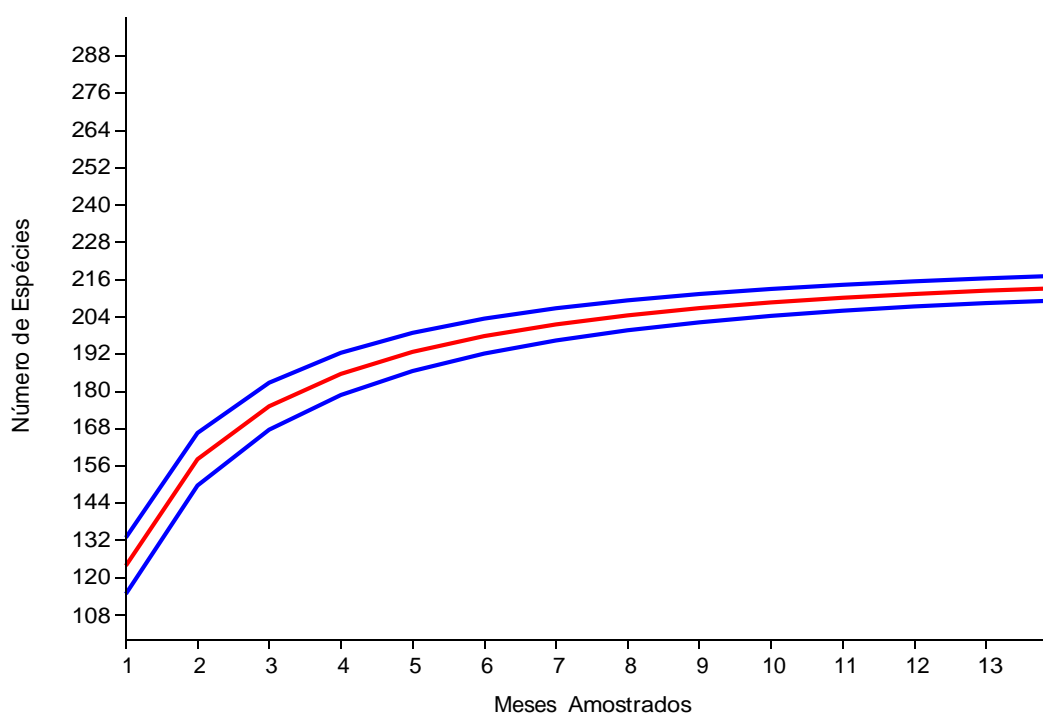
Pinheiral é um dos municípios limítrofes de Volta Redonda, que também teve suas florestas devastadas durante o Ciclo do Café. Atualmente, sua vegetação se encontra fragmentada em pequenas manchas florestais que permanecem ameaçadas e impactadas pela crescente urbanização, apresentando características similares a ARIE Floresta da Cicuta.

Vale ressaltar que muitos são os fatores que podem ter influenciado na diferença de riqueza e composição de espécies entre a ARIE Floresta da Cicuta e os remanescentes florestais comparados, dentre eles o tamanho das áreas, a variação altitudinal, o período

de amostragem, a utilização de metodologias diferentes de amostragem, o grau e tempo de isolamento dessas áreas. Em grande parte dos estudos citados, tais parâmetros não foram abordados, o que não permitiu realizar comparações pormenorizadas em relação a similaridade das comunidades de aves dessas áreas com a ARIE Floresta da Cicuta.

Quanto a eficiência da amostragem, essa pode ser considerada suficiente uma vez que a curva de acúmulo de espécies atingiu a assíntota, indicando que grande parte da avifauna que ocorre na ARIE foi registrada. A curva indica estabilização (Figura 16), mostrando que a riqueza registrada está bem próxima da riqueza estimada. Tal resultado evidencia a adequação das metodologias e do esforço de amostragem empregados no presente estudo.

Figura 16- Curva de acúmulo de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta.



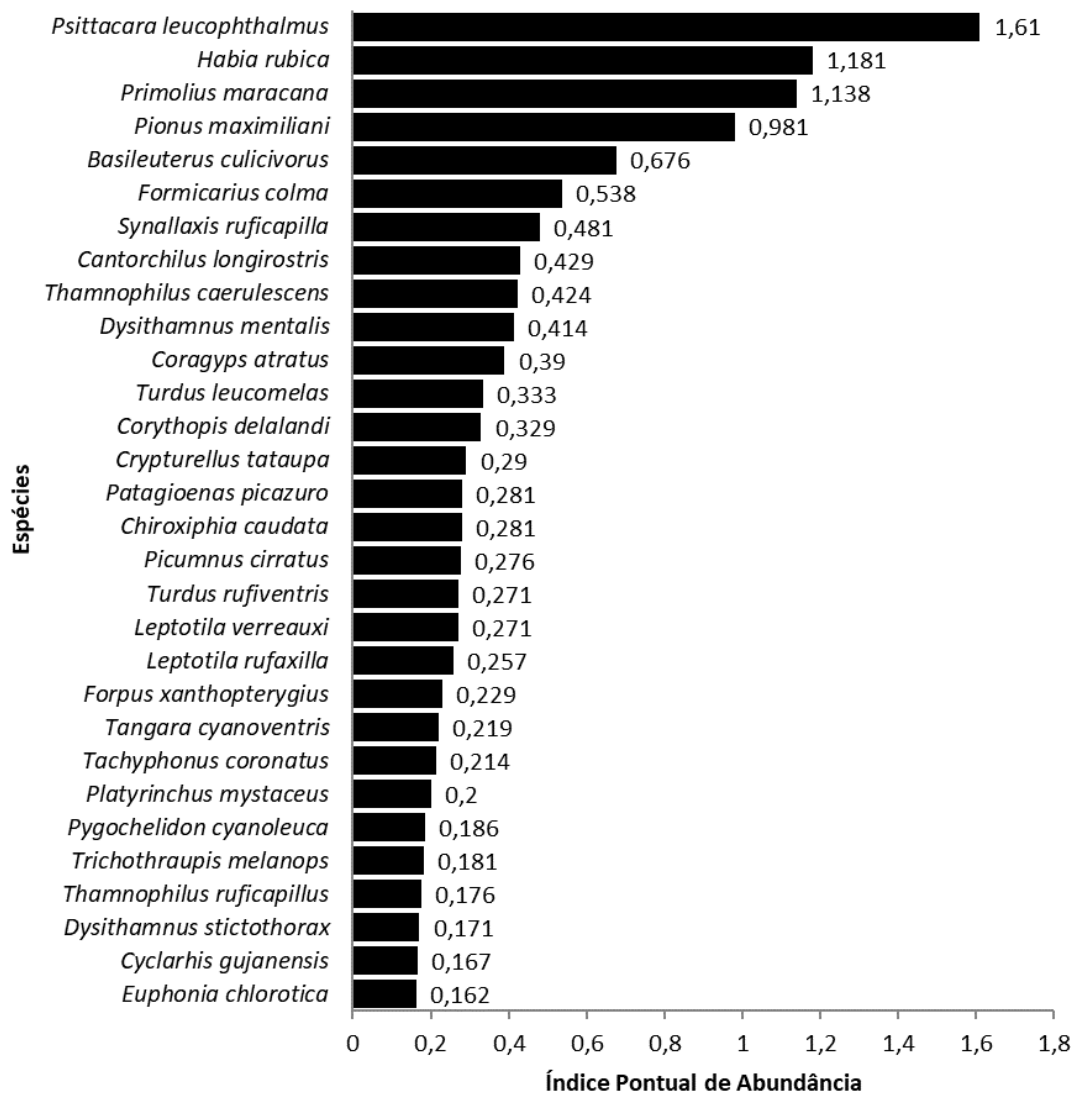
Fonte: Tavares, 2019.

A avifauna registrada na ARIE Floresta da Cicuta é considerada expressiva, uma vez que representa aproximadamente 33% do total de espécies de aves que ocorrem no estado do Rio de Janeiro, e 24% do total de espécies que ocorrem no bioma Mata Atlântica (BERGALLO *et al.*, 2000; VALE *et al.* 2018).

4.2 ABUNDÂNCIA DAS ESPÉCIES

Em relação a abundância das espécies, *Psittacara leucophthalmus* (IPA = 1,60), *Habia rubica* (IPA = 1,18) e *Primolius maracana* (IPA = 1,13) foram responsáveis pela maior parte dos registros, cerca de 20% deles (Figura 17). Essas espécies são conspícuas e em geral costumam vocalizar bastante, sendo facilmente detectadas. Destaque para a espécie *Primolius maracana* que, apesar de classificada como globalmente quase ameaçada, é bem abundante nos municípios de Barra Mansa e Volta Redonda/RJ, podendo ser observada tanto em áreas naturais preservadas quanto nos centros urbanos (obs. pess.).

Figura 17- Índice Pontual de Abundância (IPA) das 30 espécies de aves mais abundantes na ARIE Floresta da Cicuta.



Um total de 17 dentre as 216 espécies registradas tiveram um único registro durante o estudo ($IPA = 0,005$), sendo essas as aves com menor abundância na ARIE (ver Tabela 2). Grande parte dessas espécies são típicas de áreas abertas antrópicas (LIMA, 2013), e foram registradas na borda do fragmento florestal. Sabe-se que muitas das aves que são adaptadas a ambientes alterados podem utilizar a borda da floresta, mas raramente adentram seu interior (GIMENES & ANJOS, 2003). É importante ressaltar que a maior parte dos pontos fixos foram alocados no interior da ARIE Floresta da Cicuta, com poucos pontos localizados em sua borda. Desta forma, o baixo número de pontos fixos selecionados na borda do fragmento pode ter influenciado diretamente nas estimativas de abundâncias dessas espécies.

Duas dentre as 17 espécies com apenas um registro na ARIE Floresta da Cicuta apresentam hábitos noturnos (*Nyctidromus albicollis* e *Pulsatrix koeniswaldiana*). Durante todo o estudo, a amostragem por pontos fixos (metodologia utilizada para determinar a abundância das espécies) ocorreu no período diurno, o que refletiu na abundância dessas espécies, as quais foram registradas uma única vez em pontos distintos nos seus respectivos dormitórios.

4.3 REVISÃO CRÍTICA DE REGISTROS PRÉVIOS

Anterior ao presente estudo, três outros trabalhos foram conduzidos na ARIE Floresta da Cicuta e entorno, objetivando inventariar a avifauna local (MONSORES *et al.*, 1982, 1983; CAMPOS *et al.*, 1985; PACHECO *et al.*, 2000 e PINESCHI *et al.*, 2002).

O primeiro trabalho foi realizado entre os anos de 1982 e 1984 e resultou em três relatórios denominados “RELATO DA SITUAÇÃO AMBIENTAL COM VISTAS À PRESERVAÇÃO DA ÁREA DA FLORESTA DA CICUTA I, II e III” (MONSORES *et al.*, 1982, 1983; CAMPOS *et al.*, 1985), que foram utilizados para subsidiar a decretação da Floresta da Cicuta como Unidade de Conservação Federal em 1985. As campanhas deste trabalho foram realizadas anualmente, abrangendo as estações seca e chuvosa da região, com duração de cinco dias por campanha e registro das espécies através de observações *ad libitum* em trilhas preexistentes, não sendo informado o tempo de permanência das equipes em campo a cada campanha.

O segundo (PACHECO *et al.*, 2000) foi realizado entre os anos de 1985 a 1987 e uma visita no ano de 2000, através de expedições esporádicas a fim de contribuir para o conhecimento sobre as aves da região. Assim como no trabalho anterior, utilizou-se a

metodologia de observações *ad libitum*, porém não há informação acerca do esforço amostral empregado.

Já o terceiro ocorreu nos anos de 1982, 1985, 2000, 2001 e 2002 através de campanhas realizadas trimestralmente, utilizando as metodologias de captura com redes de neblina, onde as aves capturadas eram anilhadas, *playback*, e observações *ad libitum*, sem informações sobre a duração das campanhas (PINESCHI *et al.*, 2002).

A compilação dos dados desses estudos resultou inicialmente em uma lista de 322 espécies. Deste total, 315 táxons podem ser aceitos como ocorrentes na região, considerando as distribuições geográficas conhecidas das espécies e seus *status* de conservação, enquanto sete espécies foram consideradas de ocorrência improvável na região da ARIE Floresta da Cicuta, sendo elas:

- *Phaetusa simplex* (Gmelin, 1789): Espécie excluída da lista uma vez que consta como “Provavelmente Extinta” a nível estadual no livro da fauna ameaçada do estado do Rio de Janeiro (BERGALLO *et al.*, 2000);
- *Veniliornis passerinus* (Linnaeus, 1766): Espécie excluída da lista uma vez que sua distribuição geográfica não engloba o estado do Rio de Janeiro e não há informações sobre a expansão da área de distribuição dessa espécie (SICK, 2001; RIDGELY *et al.*, 2015);
- *Pionus reichenowi* Heine, 1844: Essa espécie, assim como a anterior, foi excluída analisando sua distribuição geográfica, que compreende áreas costeiras da região Nordeste e do estado do Espírito Santo, não havendo dados sobre colonização da mesma no estado do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que esta espécie foi considerada em dois dos estudos aqui analisados, nos quais um a apresenta como *Pionus menstruus reichenowi* e outro apenas como *P. menstruus*, pois na época em que foram realizados os respectivos inventários *P. reichenowi* era tida como subespécie de *P. menstruus*. Como esta última não ocorre no bioma Mata Atlântica, o que tornaria sua ocorrência para a ARIE ainda mais improvável, a referida espécie foi tratada como *P. reichenowi*, mesmo não havendo, como dito anteriormente, registros desta espécie para o estado do Rio de Janeiro (SICK, 2001; RIDGELY *et al.*, 2015);

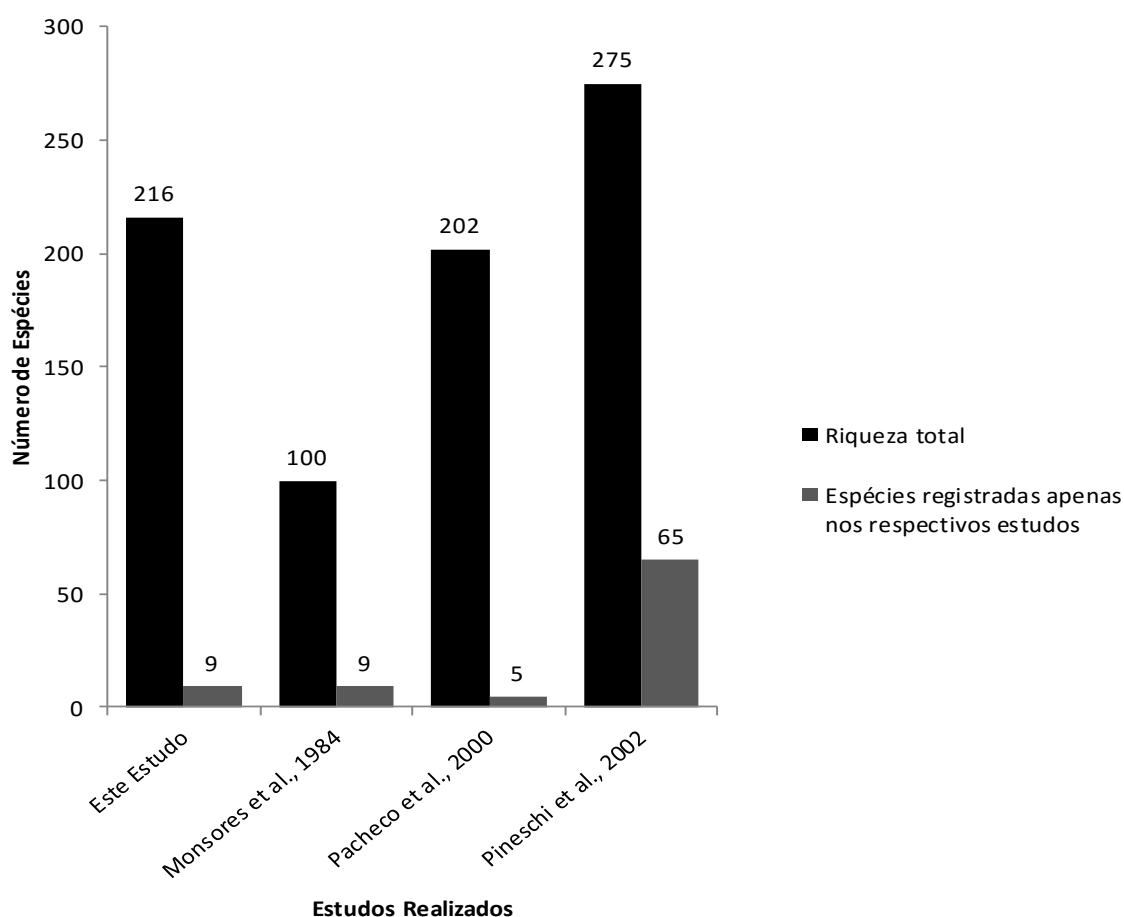
- *Dendrocincla fuliginosa* (Vieillot, 1818): Espécie também excluída por não apresentar distribuição geográfica para o estado do Rio de Janeiro. Esta ocorre em território brasileiro por toda Amazônia e nos estados de Pernambuco e Alagoas (SICK, 2001; RIDGELY *et al.*, 2015);
- *Myiopagis gaimardii* (d'Orbigny, 1839): Ocorre na Amazônia, Brasil central e, isoladamente, em Alagoas (SIGRIST, 2013). Analisando a distribuição geográfica e a ausência de dados sobre a espécie no estado do Rio de Janeiro, a espécie não foi considerada por este estudo;
- *Coryphospingus cucullatus* (Statius Muller, 1776): Não há registros documentados da ocorrência dessa espécie no estado do Rio de Janeiro e sua distribuição conhecida atualmente em território brasileiro abrange duas regiões disjuntas, a primeira a leste do Pará e a segunda de Mato Grosso e Goiás, ao oeste de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (SICK, 2001; SIGRIST, 2013);
- *Saltator coerulescens* Vieillot, 1817: Espécie com ampla distribuição em território brasileiro, porém ausente no bioma Mata Atlântica (SIGRIST, 2013).

Desta forma, considerando os dados deste estudo e dos estudos anteriores, a lista consolidada da avifauna da ARIE Floresta da Cicuta apresenta 324 espécies (ANEXO), sendo tal montante correspondente a aproximadamente 49% das espécies de aves que ocorrem no estado do Rio de Janeiro (BERGALLO *et al.*, 2000) e cerca de 36% das espécies de aves que ocorrem em todo o bioma Mata Atlântica (LIMA, 2013 e VALE *et al.*, 2018), valores consideravelmente expressivos que demonstram o quão importante é esta Unidade de Conservação para a preservação da biodiversidade regional das aves.

Comparando este estudo com os demais estudos realizados anteriormente na ARIE Floresta da Cicuta é possível observar diferenças em relação a riqueza de espécies (Figura 18), excluindo as espécies consideradas de improvável ocorrência. Tais diferenças podem ser explicadas pelas distintas metodologias aplicadas e esforço amostral empregado, particularmente em relação ao estudo realizado por PINESCHI *et al.* 2002, que, além de observações diretas, também utilizou as metodologias de redes de neblina e

playback, possibilitando uma maior detecção de aves menos conspícuas, o que influenciou diretamente para que apresentasse o maior montante de espécies, bem como o maior número de espécies exclusivas.

Figura 18- Comparação da riqueza de espécies registradas entre os diferentes estudos realizados na ARIE Floresta da Cicuta.



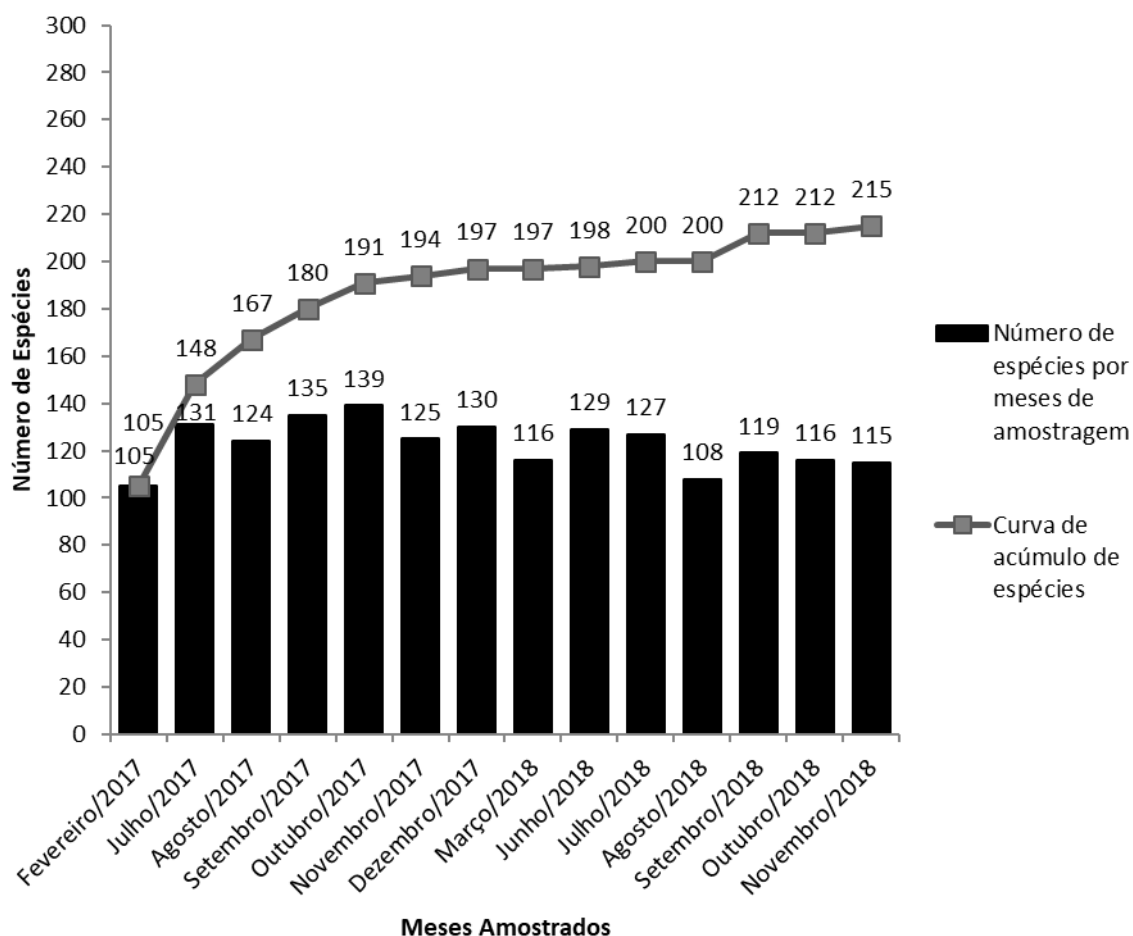
Fonte: Tavares, 2019.

4.4 EFEITOS DA SAZONALIDADE NA OCORRÊNCIA DAS ESPÉCIES

Um dos parâmetros ambientais que influencia diretamente na riqueza e composição das espécies de aves é a sazonalidade (MALDONADO-COELHO & MARINI, 2003). As modificações sazonais na comunidade avifaunística se deve em grande parte a variação espacial e temporal da disponibilidade de recursos alimentares, associados as atividades reprodutivas e movimentos migratórios de algumas espécies (MALDONADO-COELHO & MARINI, 2003).

Para avaliar a variação sazonal na comunidade de aves da ARIE Floresta da Cicuta, foram analisados os 14 meses de amostragem dividindo-os em estação seca (abril à setembro) e estação chuvosa (outubro à março) e, com isso, pode-se verificar que outubro de 2017 foi o mês com maior número de espécies registradas (139 espécies), bem como constatar que a estação chuvosa apresentou maior número de espécies registradas (204 espécies) em comparação com a estação seca (196 espécies) (Figura 19).

Figura 19- Variação sazonal da riqueza de espécies na ARIE Floresta da Cicuta.



Fonte: Tavares, 2019.

Apesar da estação chuvosa ter apresentado um número maior de espécies registradas, a diferença não foi significativa em relação a riqueza de espécies de aves entre a estação chuvosa e a seca ($t = 1,974$; $p = 0,226$). Tampouco houve diferença significativa na abundância de aves entre as estações chuvosa e seca ($t = 1,974$; $p = 0,791$). A maior riqueza na estação chuvosa pode estar associada a maior disponibilidade de recursos alimentares neste período, além de ser a época que grande parte das espécies iniciam suas atividades reprodutivas (MALDONADO-COELHO & MARINI, 2003),

intensificando a suas vocalizações e, com isso, facilitando a detecção. Também é nesse período que ocorre a maior parte das migrações (SOMENZARI *et al.*, 2018).

Apesar de não haver, até o momento, um estudo específico sobre a ocorrência de aves migratórias na ARIE Floresta da Cicuta, a partir de dados consolidados na literatura foi possível classificar as aves registradas com hábitos migratórios ou parcialmente migratórios. Assim, das 216 espécies registradas, 23 são consideradas migratórias ou parcialmente migratórias (quando parte da população é residente e outra parte faz migração) (SOMENZARI *et al.*, 2018), salientando que todas elas reproduzem em território brasileiro.

Ocorreu também registros exclusivos para ambas as estações, sendo 19 deles para a estação chuvosa e 12 para a estação seca. Das 19 espécies registradas exclusivamente durante a estação chuvosa, cinco são consideradas migratórias ou parcialmente migratórias (*Elanoides forficatus*, *Harpagus diodon*, *Myiodynastes maculatus*, *Myiophobus fasciatus* e *Turdus flavipes*), enquanto apenas uma das 12 espécies registradas exclusivamente na estação seca possui hábito parcialmente migratório (*Tersina viridis*). As demais espécies consideradas migrantes ou parcialmente migrantes foram registradas em ambas as estações, isso porque muitas das espécies que migram durante a estação seca permanecem até a estação chuvosa, e muitas das espécies que migram durante a estação chuvosa permanecem até o início da estação seca (SOMENZARI *et al.*, 2018).

Uma das espécies não migrantes registrada exclusivamente na estação seca merece destaque, *Amazona rhodocorytha*, atualmente considerada ameaçada de extinção a nível global, nacional e estadual na categoria vulnerável (BERGALLO *et al.* 2000; ICMBio/MMA, 2018; IUCN, 2019). Essa espécie foi registrada em setembro de 2018 através da sua vocalização e posteriormente por meio de avistamento. É um dos psitacíformes menos conspícuos, apresentando uma intensificação de suas atividades no início do período reprodutivo (entre os meses de agosto e setembro) quando costumam vocalizar mais, facilitando sua detecção durante esse período.

4.5 DEPENDÊNCIA FLORESTAL E DIETA ALIMENTAR PREDOMINANTE

Uma das maneiras de classificar a avifauna é quanto a sua dependência a habitats florestais. Espécies florestais tendem a ser mais exigentes em relação a qualidade de seus habitats (GIMENES & ANJOS, 2003) e a presença delas pode ser considerada um bioindicador de qualidade ambiental, indicando que o remanescente florestal está conseguindo manter parte de seus serviços ecossistêmicos.

Na ARIE Floresta da Cicuta, 63% das espécies registradas são dependentes (n = 84 espécies) ou semidependentes de áreas florestais (espécies que ocorrem nos mosaicos formados pelo contato entre florestas e formações vegetais abertas e semiabertas (SILVA *et al.*, 2003) (n = 53 espécies). Esse resultado demonstra a importância desse remanescente florestal em uma escala regional, pois apesar de relativamente pequeno (131 ha) quando comparado a outras Unidades de Conservação do Médio Vale do Paraíba (*e.g.*, Parque Nacional do Itatiaia, Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Estadual da Pedra Selada), é responsável pela manutenção e conservação de pelo menos 137 espécies de aves associadas a ambientes florestais. Concomitante a este dado, vale reiterar também que a ARIE Floresta da Cicuta abriga uma formação fitofisionômica amplamente devastada, a floresta estacional semidecidual, o que reforça ainda mais sua relevância em termos de conservação da diversidade biológica.

As espécies não dependentes de áreas florestais representaram 37% dos registros (n = 79 espécies), um percentual significativo que pode ser atribuído às características do entorno da ARIE. Por ser uma remanescente florestal periurbano, a vegetação ao redor se encontra descaracterizada, sendo composta predominantemente por pastagens (gramíneas) entremeadas por poucas árvores e arbustos, beneficiando a ocorrência dessas espécies.

Quanto a dieta alimentar predominante, ocorreu uma prevalência de espécies insetívoras (n = 87 espécies) e onívoras (n = 60 espécies). O predomínio de espécies insetívoras já é um padrão conhecido para regiões tropicais, tanto em áreas urbanas quanto em florestas (SICK, 2001). No entanto, um elevado número de espécies onívoras tem sido observado em regiões antropizadas (WILLIS, 1979; KRÜGEL & ANJOS, 2000; FRANCHIN & JUNIOR, 2004), uma vez que a onivoria teria um efeito tampão contra a variação da disponibilidade de recursos alimentares em paisagens modificadas (TELINO-JÚNIOR *et al.*, 2005; MORANTE FILHO & SILVEIRA, 2012).

A representatividade de espécies com hábitos alimentares onívoros demonstra como a paisagem ao entorno da ARIE Floresta da Cicuta vem influenciando diretamente na riqueza e composição da sua avifauna. Das 60 espécies onívoras registradas, 24 delas são consideradas não dependentes de áreas florestais, o que representa cerca de 40% do total de espécies que possuem esse hábito alimentar.

O número de espécies registradas com hábitos alimentares predominantemente carnívoros foi o terceiro mais representativo na ARIE (26 espécies). Dentre essas vale destacar aquelas típicas de ambientes florestais: *Harpagus diodon*, *Micrastur ruficollis*, *Micrastur semitorquatus* e *Pulsatrix koeniswaldiana*. Em geral, a presença de tais espécies indica uma boa qualidade ambiental do remanescente florestal, uma vez que elas são mais sensíveis a distúrbios ambientais (STOTZ *et al.*, 1996).

Dentre todas as dietas observadas no grupo das aves a frugívora é uma das mais importantes como bioindicadora de qualidade ambiental. Espécies que ocupam tal nicho costumam ser dependentes de áreas florestais (SICK, 2001; MOTTA-JÚNIOR, 1990; MORANTE FILHO & SILVEIRA, 2012), sendo as primeiras a desaparecerem quando há redução, fragmentação e/ou degradação de seus habitats (WILLIS, 1979). Espécies que possuem esse hábito alimentar, em especial as aves de grande porte, desempenham uma importante função ecológica ao interagir com as plantas, sendo responsáveis pela dispersão de sementes de inúmeras espécies vegetais com síndrome de dispersão ornitocórica.

Silva & Tabarelli (2000) estimaram que 31,6% da flora arbórea da Mata Atlântica na região Nordeste está provavelmente ameaçada devido ao desaparecimento dos dispersores de suas sementes, mostrando a relação intrínseca entre as aves e as espécies vegetais dispersas por estes animais. O desaparecimento de aves frugívoras pode levar a extinção espécies de plantas cuja sementes são dispersadas por elas, ou, no mínimo, a alterações no recrutamento da população das plantas e na estrutura da comunidade vegetal (PIZO, 2001).

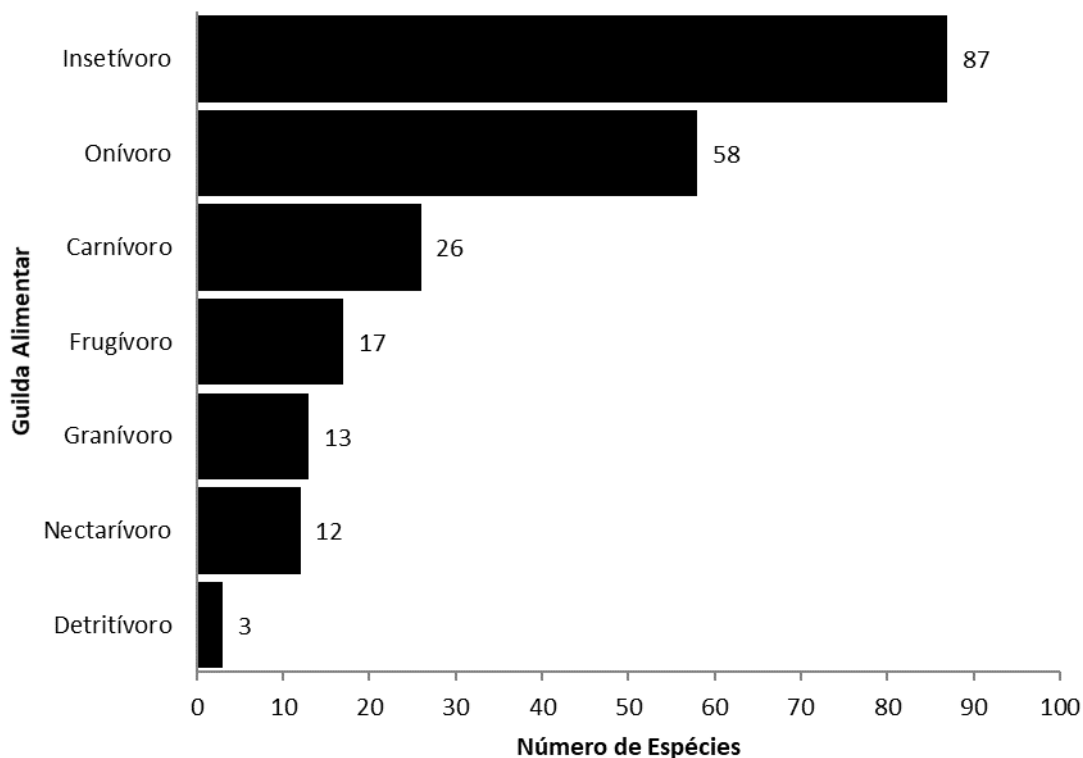
Na ARIE Floresta da Cicuta a dieta alimentar predominantemente frugívora foi a quarta mais bem representada, com 17 espécies registradas apresentando hábitos alimentares frugívoros, incluindo espécies de grande porte como *Penelope obscura*, responsável pela dispersão de sementes de médio e grande porte, como a do ameaçado palmito-juçara (*Euterpe edulis*), endêmico da Mata Atlântica (Portaria nº 443/2014; CAZASSA *et al.*, 2016). A presença de espécies dessa guilda revela que apesar de sofrer

impactos antrópicos advindos do entorno, a ARIE Floresta da Cicuta ainda consegue manter populações de aves frugívoras, o que é essencial para a manutenção da floresta.

As demais dietas aqui consideradas (granívoros, nectarívoros e detritívoros) não foram significativamente representativas na ARIE. Apesar dos granívoros em geral serem beneficiados pela fragmentação florestal, pois ocorre um aumento das áreas de borda, bem como a formação de clareiras, favorecendo assim o surgimento de gramíneas que constituem a principal fonte de alimento dessas espécies (MOTTA-JÚNIOR, 1990; ANJOS, 1998), esse padrão não foi observado no presente trabalho.

Aves nectarívoras são representadas em grande parte por beija flores, sendo essa guilda alimentar naturalmente pouco abundante em áreas naturais, o que é corroborado por diversos estudos (ROSSANO *et al.*, 2002; RIBON *et al.*, 2004; SCHERER *et al.*, 2010). Já as espécies detritívoras são representadas em geral pela família Cathartidae (urubus), que possuem poucos representantes no Brasil, seis no total, com quatro espécies de ocorrência no estado do Rio de Janeiro e três registradas na ARIE Floresta da Cicuta (*Cathartes aura*, *Cathartes burrovianus* e *Coragyps atratus*) (Figura 20).

Figura 20- Riqueza de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta em relação ao hábito alimentar.



Fonte: Tavares, 2019.

4.6 ENDEMISMO E STATUS DE CONSERVAÇÃO

A avifauna brasileira possui uma das maiores taxas de endemismo do mundo, com destaque para a Mata Atlântica. Esse bioma é um dos mais biodiversos e ameaçados do mundo (MYERS *et al.*, 2000), com 223 espécies endêmicas, abrangendo o maior número de espécies de aves exclusivas (VALE *et al.*, 2018), muitas dessas atualmente ameaçadas de extinção tanto a nível global quanto a níveis nacional e estadual (BERGALLO *et al.*, 2000; ICMBio/MMA, 2018; IUCN, 2019).

Na ARIE Floresta da Cicuta, das 216 espécies registradas, 41 delas são endêmicas do Brasil e/ou da Mata Atlântica, o que representa um total de aproximadamente 19% das espécies. Espécies endêmicas por terem suas populações restritas a um determinado bioma ou área deste são mais afetadas negativamente pelos efeitos da fragmentação e degradação florestal em relação àquelas que possuem ampla distribuição (ALEIXO & VIELLIARD, 1995; ANJOS, 2001; RIBON *et al.*, 2003; SANTOS, 2003). Isto se deve, em geral, porque são espécies dependentes desses habitats, e sua destruição pode levá-las a extinção ou provocar extinções locais. A IUCN estima que 31% das aves endêmicas da Mata Atlântica estão ameaçadas ou extintas, enquanto outras 19% estão quase ameaçadas, sendo que a maior parte delas são extremamente dependentes de áreas florestais (VALE *et al.*, 2018).

Na ARIE Floresta da Cicuta foram registradas três espécies ameaçadas de extinção (*Amazona rhodocorytha*, *Anhinga anhinga* e *Cyanoloxia brissonii*), sendo *Amazona rhodocorytha* a mais ameaçada, pois é a única dentre elas que se encontra incluída nas três listas consideradas no presente trabalho, em todas na categoria ‘Vulnerável’ (VU). Devido a este cenário, em 2011 o Ministério do Meio Ambiente do Brasil lançou o Plano de Ação Nacional para Conservação dos Papagaios da Mata Atlântica (PAN Papagaios), pelo qual são apresentadas ações necessárias para a conservação de *Amazona rhodocorytha* e de outros papagaios ameaçados.

Endêmica da Mata Atlântica e do Brasil, e dependente de áreas florestais (SICK, 2001; SILVA *et al.*, 2003; SCHUNCK *et al.*, 2011; VALE *et al.*, 2018), a principal ameaça a *Amazona rhodocorytha* é a fragmentação de habitats, que inviabiliza a manutenção de populações viáveis, seguida pela retirada de filhotes do ninho para o comércio ilegal. Essa segunda ameaça é bastante preocupante, pois a espécie apresenta baixa taxa de reprodução, baixa sobrevivência dos filhotes e longo tempo para atingir a

maturidade sexual (em torno de cinco anos) (SCHUNCK *et al.*, 2011; FRANCISCO & MOREIRA, 2012).

Afim de se conservar as populações remanescentes de *Amazona rhodocorytha*, o PAN Papagaios recomenda a proteção dos remanescentes vegetais em toda área de distribuição da espécie, que vai de Alagoas ao sul do Rio de Janeiro até o leste de Minas Gerais (limite oeste de sua distribuição), além de ações de repressão da retirada dos filhotes da natureza, bem como do comércio ilegal e ações de sensibilização ambiental (SCHUNCK *et al.*, 2011).

As outras duas espécies ameaçadas registradas na ARIE Floresta da Cicuta constam apenas na lista estadual, classificadas também como ‘Vulneráveis’. A *Anhinga anhinga* é uma espécie dependente de habitats aquáticos e toda sua atividade de forrageio ocorre nesses ambientes. Possui média sensibilidade a distúrbios ambientais (STOTZ *et al.*, 1996), sugerindo uma certa exigência quanto a qualidade das águas que ela utiliza. Essa espécie foi registrada exclusivamente no entorno da ARIE Floresta da Cicuta.

Já *Cyanoloxia brissonii* é dependente de áreas florestais (SILVA *et al.*, 2003) e a fragmentação e redução de habitats influencia diretamente na abundância da espécie, além disso, é uma espécie visada pelo tráfico de animais silvestres, sendo consideravelmente caçada em todo país.

Outras quatro espécies estão classificadas como quase ameaçadas a nível global (*Piculus aurulentus*, *Primolius maracana*, *Dysithamnus stictothorax* e *Hemitriccus orbitatus*), sendo *Primolius maracana* a única espécie não endêmica da Mata Atlântica. Outras duas espécies estão classificadas como provavelmente ameaçadas no estado do Rio de Janeiro (*Pilherodius pileatus* e *Campephilus robustus*), sendo esta última endêmica da Mata Atlântica.

A presença de espécies endêmicas, bem como aquelas ameaçadas de extinção registradas no presente estudo, são um indicativo de que a ARIE Floresta da Cicuta está conseguindo exercer seu papel na conservação e manutenção da avifauna regional, corroborando com estudos que citam a importância das Unidades de Conservação para preservação da biodiversidade (*e.g.*, VALLEJO, 2002; HASSLER, 2005; HENRY-SILVA, 2005).

4.7 PRESSÕES E AMEAÇAS x SENSIBILIDADE A DISTÚRBIOS AMBIENTAIS

O tamanho reduzido e o relativo grau de isolamento da ARIE Floresta da Cicuta em relação a outros remanescentes florestais são as maiores ameaças a comunidade de aves desta UC. Segundo Fischer & Lindenmayer (2007) a perda e a fragmentação de habitats são as principais causas de extinções de espécies no mundo. A redução da área de habitats disponíveis inviabiliza a manutenção de populações de algumas espécies, e para aquelas que ainda resistem há um aumento da probabilidade de extinção devido ao tamanho reduzido de suas populações (PIRES, 2000; GIMENES & ANJOS, 2003).

Outra consequência da fragmentação de habitats é o aumento da área de borda, uma das mais importantes modificações causadas pela fragmentação de uma floresta, sendo o aumento de níveis de luz, temperatura, umidade e vento os efeitos mais significativos trazidos por essa alteração. Tais efeitos podem ser evidentes até 500 m para dentro da floresta, sendo mais notáveis até 35 m (PRIMACK & RODRIGUES, 2001).

Fragmentos estreitos e irregulares, como a ARIE Floresta da Cicuta, tem grande proporção de borda em relação ao seu interior, o que significa maiores impactos negativos para as aves adaptadas ao interior da floresta (GIMENES & ANJOS, 2003). Levando em conta as peculiaridades entre esses dois ambientes (borda e interior), são esperadas diferenças na composição de espécies da avifauna, onde o interior costuma abrigar espécies mais sensíveis, com baixo potencial de dispersão e bem especializadas e a borda espécies mais generalistas, com alta habilidade de dispersão e tolerantes a modificações ambientais. Além disso, muitas espécies adaptadas a ambientes abertos podem utilizar a borda da floresta, mas raramente adentram seu interior. Contudo em fragmentos florestais onde há uma pequena área de interior em relação a borda, essas podem ocupar todo fragmento, o que aumenta o número de predadores e parasitas de ninho, fazendo com que o efeito de borda cause um prejuízo maior as aves florestais em pequenos fragmentos (WILCOVE & ROBINSON, 1990; GOOSEM, 1997; PRIMACK & RODRIGUES, 2001; GIMENES & ANJOS, 2003).

No entorno da ARIE Floresta da Cicuta foi registrada a espécie *Molothrus bonariensis*, ave parasita e generalista, que se favoreceu do desmatamento e ampliou suas populações em toda sua área de ocorrência (RIDGELY *et al.*, 2015). Essa espécie pode influenciar negativamente as populações de espécies florestais e até mesmo de algumas espécies endêmicas e/ou ameaçadas presentes na UC, uma vez que seu filhote geralmente

é bem maior do que o das espécies parasitadas, podendo receber mais alimento, tendo assim maior probabilidade de sobrevivência (SICK, 2001; WIKIAVES², 2019).

A fragmentação de habitats também coloca as populações nativas em contato com plantas e animais domésticos (PRIMACK & RODRIGUES, 2001). Estudos constataram uma elevada abundância e ampla distribuição de cães domésticos (*Canis familiaris*) na ARIE Floresta da Cicuta (ROCHA, 2018; FURTADO, 2019). Animais domésticos invasores de áreas naturais, principalmente cães, se constituem em uma das principais ameaças para a fauna nativa. Em relação as aves esses animais são potenciais predadores das mesmas, em especial daquelas com hábitos terrícolas (e.g., *Crypturellus tataupa*, *Penelope obscura*, *Formicarius colma*).

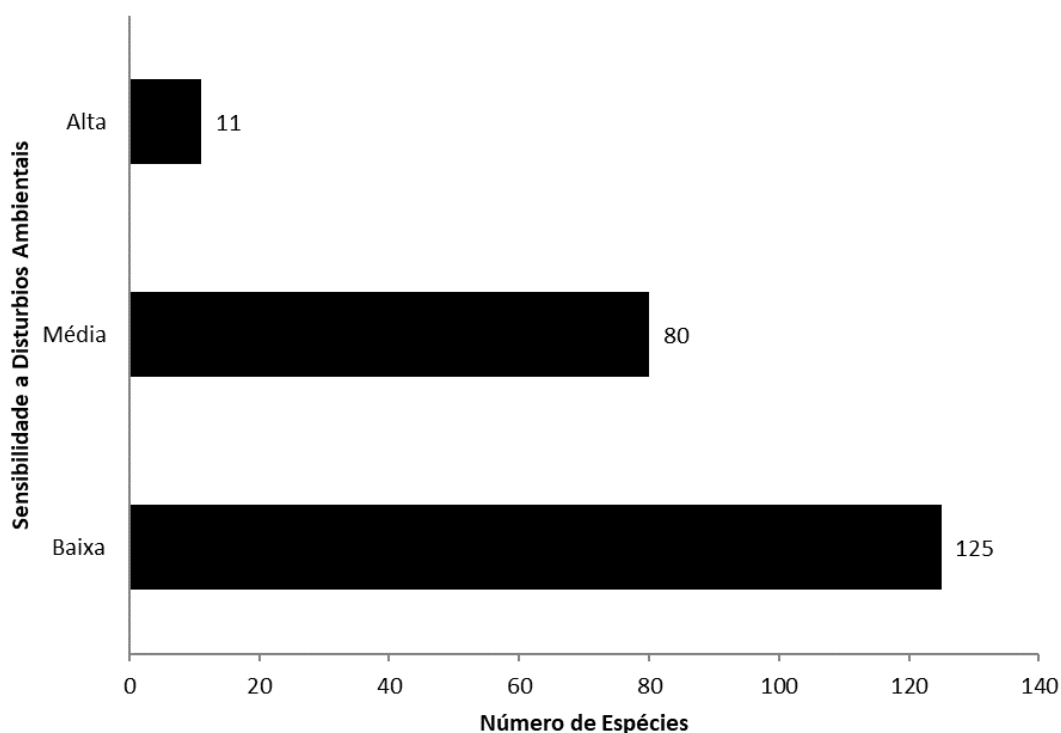
Em relação ao grau de isolamento do remanescente florestal, esse parâmetro pode diminuir ou mesmo eliminar a colonização por espécies presentes em áreas vizinhas, pois para muitas espécies de aves adaptadas a viverem no interior de florestas a matriz de pastagem pode representar uma barreira, impedindo o fluxo de indivíduos entre os fragmentos. Com o passar do tempo, ocorre não somente uma diminuição na riqueza da comunidade de aves, mas também efeitos deletérios na variabilidade genética das populações (HAYES, 1995; GIMENES & ANJOS, 2003).

Outra grande ameaça a comunidade de aves da ARIE Floresta da Cicuta é a caça, que se configura como a segunda maior ameaça a conservação da avifauna global, com inúmeras espécies extintas somente em território brasileiro devido a tal prática (e.g., *Cyanopsitta spixii* e *Pauxi mitu*) (MARINI & GARCIA, 2005). Embora ocorram ações rotineiras de fiscalização na UC para combater a caça, sua proximidade a dois grandes centros urbanos dificulta tal trabalho, pois muitas das vezes o caçador consegue adentrar e sair rapidamente da ARIE sem ser notado. Foram registradas 25 espécies potencialmente visadas para a caça na ARIE Floresta da Cicuta: *Crypturellus tataupa*, *Amazonetta brasiliensis*, *Penelope obscura*, *Patagioenas picazuro*, *Patagioenas cayennensis*, *Leptotila verreauxi*, *Leptotila rufaxilla*, *Geotrygon montana*, *Ramphastos toco*, *Psittacara leucophthalmus*, *Forpus xanthopterygius*, *Pionus maximiliani*, *Amazona rhodocorytha*, *Turdus leucomelas*, *Turdus rufiventris*, *Turdus amaurochalinus*, *Zonotrichia capensis*, *Volatinia jacarina*, *Ramphocelus bresilius*, *Sporophila caerulescens*, *Sporophila leucoptera*, *Saltator similis*, *Saltator fuliginosus*, *Cyanoloxia brissonii* e *Spinus magellanicus*, sendo duas ameaçadas de extinção (*Amazona rhodocorytha* e *Cyanoloxia brissonii*).

A proximidade da ARIE Floresta da Cicuta a áreas urbanas também aumenta sua exposição a risco de incêndios. Dados do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE, 2019) demonstram que esta UC apresenta um elevado risco de incêndios anuais, especialmente por estar inserida em uma matriz constituída predominantemente por pastagens (gramíneas), fator este que intensifica o risco de fogo. As queimadas influenciam direta e indiretamente a estrutura da comunidade de aves (riqueza, abundância, composição de espécies) (BARLOW *et al.*, 2002). Os efeitos diretos ocasionados por esse fenômeno são mortes e intoxicações, que são visíveis logo após a passagem do fogo pela área, enquanto que os efeitos indiretos são mais amplos, diversos e tardios, como por exemplo, alterações no hábitat ou microhabitat, afrouxamento da competição intra e interespecífica, dentre outros (BARLOW *et al.*, 2002; FRIZZO *et al.*, 2011).

Obviamente, as respostas às pressões e ameaças divergem entre as espécies, desde aquelas que se beneficiam e ampliam suas populações até aquelas que são extintas localmente (MARINI & GARCIA, 2005). Sabendo-se disso, a avifauna registrada na ARIE Floresta da Cicuta foi classificada quanto a sua sensibilidade a distúrbios ambientais, possibilitando verificar que a grande maioria das espécies possui uma baixa sensibilidade, o que já era esperado devido a descaracterização do entorno da UC. No entanto, a presença, ainda que em menor número, de espécies que possuem média e alta sensibilidade a distúrbios ambientais atestam novamente a relevância da ARIE Floresta da Cicuta para a conservação da avifauna regional (Figura 21).

Figura 21- Riqueza de espécies de aves registradas na ARIE Floresta da Cicuta em relação a sensibilidade a distúrbios ambientais.



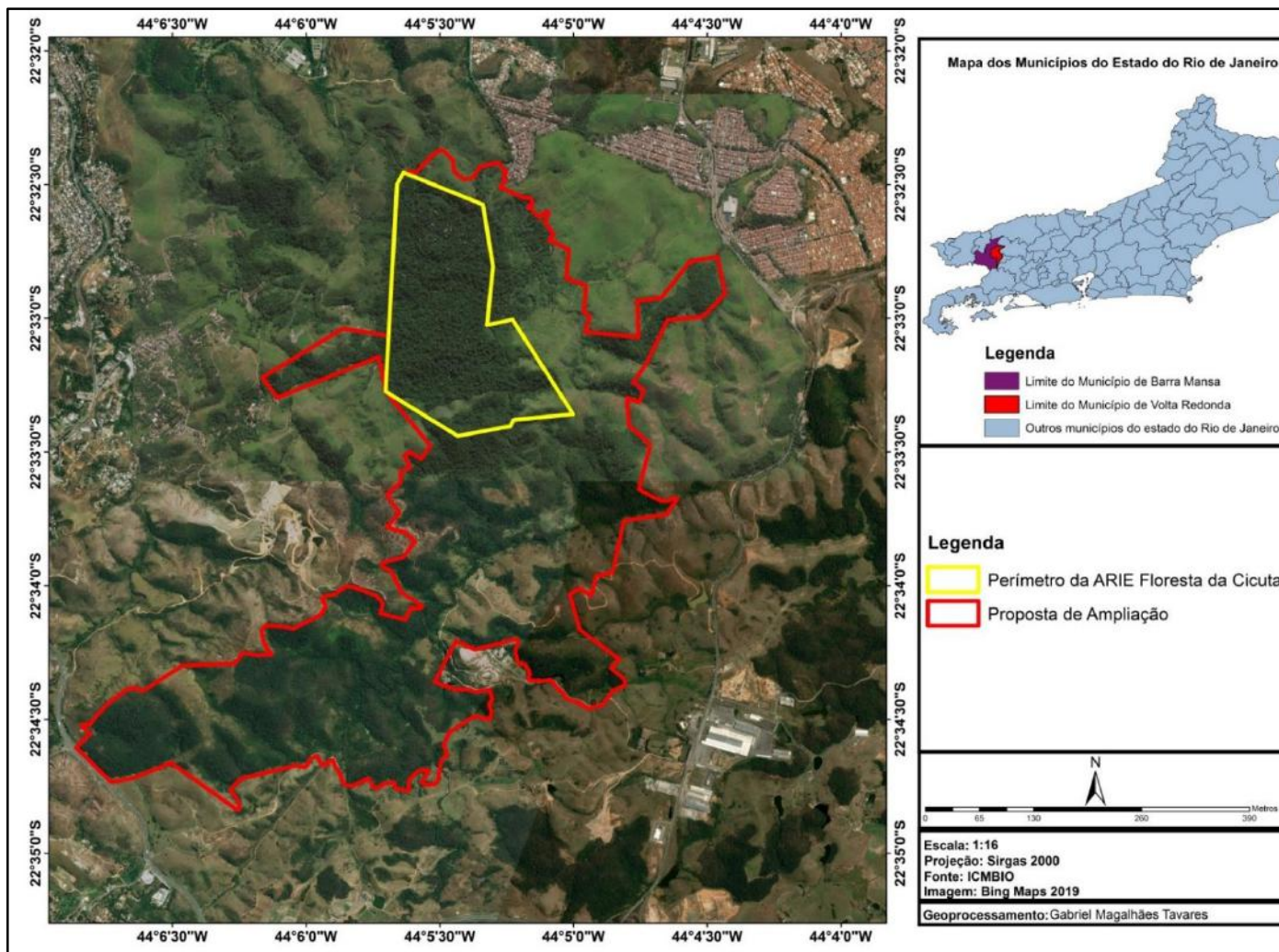
Fonte: Tavares, 2019.

4.8 IMPLICAÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO

De acordo com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA², 2019) a ARIE Floresta da Cicuta está inserida em uma região de extrema importância biológica do estado do Rio de Janeiro. A riqueza e composição de espécies de aves revelada pelo presente estudo reforçam a importância biológica desta UC. Desta forma, medidas que minimizem as pressões e ameaças sofridas pela ARIE devem ser tomadas, a fim de ampliar a proteção das espécies que ela abriga.

Uma importante iniciativa objetivando diminuir os efeitos deletérios ocasionados pelo tamanho reduzido, isolamento, caça e incêndios florestais na ARIE Floresta da Cicuta é o Projeto de Lei Federal nº 9.139/2017, atualmente em tramitação na Câmara dos Deputados Federais, que propõe a alteração dos limites da UC, ampliando sua área dos atuais 131 hectares para aproximadamente 695 hectares, protegendo, assim, todo o bloco florestal no qual se localiza a ARIE (Figura 22).

Figura 22- Proposta de ampliação da área da ARIE Floresta da Cicuta de acordo com o Projeto de Lei Federal nº 9.139/2017.



Fonte: ICMBIO, 2019.

O referido Projeto de Lei propõe também a recategorização da UC da atual categoria de Uso Sustentável ARIE para a categoria de Proteção Integral REVIS (Refúgio de Vida Silvestre), aumentando ainda mais o grau de proteção legal da UC.

Apesar de atualmente a fragmentação florestal se constituir como a principal causa das extinções de espécies, projeta-se que no futuro os danos causados por invasões biológicas de espécies exóticas superarão a perda de habitats como causa principal da desintegração ecológica no mundo (BERGALLO *et al.*, 2009). A elevada abundância e ampla distribuição de cães domésticos (*Canis familiaris*) na ARIE Floresta da Cicuta se constitui em uma das principais ameaças para a fauna nativa desta UC. Por serem potenciais predadores da avifauna, em especial aquelas com hábitos terrestres, esses animais podem estar ocasionando danos irreversíveis às populações de determinadas espécies. Sendo assim, medidas de manejo e controle de *Canis familiaris* na ARIE Floresta da Cicuta devem ser tomadas emergencialmente.

O monitoramento contínuo e a longo prazo da comunidade de aves da ARIE Floresta da Cicuta, incluindo o monitoramento das pressões antrópicas por se tratar de uma UC periurbana, se torna imprescindível para uma melhor compreensão de como a avifauna desta UC vem respondendo as modificações no seu habitat. A ausência de alguns táxons esperados para a ARIE Floresta da Cicuta e não registrados por este estudo reforça a necessidade de um monitoramento contínuo e a longo prazo da comunidade de aves nesta Unidade de Conservação, objetivando obter dados mais confiáveis sobre presença/ausência destas espécies e acerca de eventuais processos de extinções locais. Os resultados gerados poderão dar suporte a ações de proteção não somente para as aves, mas também a diferentes grupos biológicos associados a estas.

5 CONCLUSÕES

A avifauna registrada na ARIE Floresta da Cicuta é diversificada e característica da região. A ocorrência de espécies típicas de áreas florestais, bem como de espécies endêmicas e ameaçadas, reflete a representatividade desse remanescente de Mata Atlântica para a preservação da comunidade regional de aves. A presença de espécies que apresentam alta sensibilidade a distúrbios ambientais demonstra que, apesar de impactada por ações antrópicas do entorno, a ARIE Floresta da Cicuta tem cumprido com o seu objetivo de criação (“*proteger e preservar as espécies raras e diversificadas da biota local*”) e tem sido efetiva na manutenção de populações de espécies mais exigentes quanto a qualidade do habitat.

O presente estudo mostrou também que há uma variação na riqueza e composição de espécies ao longo do ano, influenciada pela sazonalidade entre as estações seca e chuvosa, na qual a estação chuvosa apresenta uma maior riqueza, provavelmente associada aos movimentos migratórios realizados durante esta estação e a maior oferta de alimentos nesta época.

Em relação a dieta predominante, o padrão observado foi comum ao de outros estudos em regiões neotropicais, com predominância de aves com hábitos alimentares insetívoros. No entanto, o elevado número de espécies com hábitos alimentares onívoros provavelmente é um reflexo da descaracterização do entorno da ARIE Floresta da Cicuta, uma vez que esse padrão tem sido observado em outras regiões antropizadas.

A ARIE Floresta da Cicuta é um monumento natural ímpar da região Sul Fluminense, e um dos fragmentos mais representativos da região do Médio Vale do Paraíba. Espera-se que os resultados deste estudo: 1) ajude a ampliar os conhecimentos sobre a avifauna da ARIE Floresta da Cicuta e do bioma Mata Atlântica, em especial da fitofisionomia floresta estacional semidecidual; 2) auxilie a adotar medidas para a conservação das aves brasileiras; 3) amplie os conhecimentos sobre os impactos causados pela fragmentação florestal e 4) sirva de instrumento de consulta para outras pesquisas.

6 REFERÊNCIAS

- ALEIXO, A.; VIELLIARD, J.M.E. Composição e dinâmica da avifauna da Mata de Santa Genebra, Campinas, São Paulo, Brasil. **Revista brasileira de Zoologia**, v.12, n.3, p. 493-511. 1995.
- ALVES, S.L. **Aspectos ecológicos e conservação de *Alouatta guariba clamitans* (Primates, Atelidae) na Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta, região do Médio Vale do Paraíba do Sul, RJ**. Seropédica, 2004. 80 f. Monografia (Graduação em Engenharia Florestal), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2004.
- ALVES, S.L.; ZAÚ, A.S. Aspectos ecológicos de *Alouatta guariba clamitans* Cabrera, 1940 na Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta, Rio de Janeiro, Brasil. **Neotropical Primates**, v.14, n.3, p. 127-130. 2007.
- ANJOS, L. Conseqüências biológicas da fragmentação no norte do Paraná. **Série Técnica do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais**, v.12, n.32, p. 87-94. 1998.
- ANJOS, L. Comunidades de aves florestais: implicações na conservação. *In*: ALBUQUERQUE, JLB; CANDIDO JUNIOR, JF; STRAUBE, FC; ROOS, AL (eds.). **Ornitologia e conservação: da ciência às estratégias**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Ornitologia, 2001. p. 17-37.
- BAGNO, M.A.; MARINHO-FILHO, J. A avifauna do Distrito Federal: uso de ambientes abertos e florestais e ameaças. *In*: RIBEIRO, J.F.; FONSECA, C.E.L.; SOUSA-SILVA, J.C. (eds.). **Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria**. Brasília: EMBRAPA, 2001. p. 495-528.
- BARLOW, J.; HAUGAASEN, T.; PERES, C.A. Effects of ground fires on understory bird assemblages in Amazonian forests. **Biological Conservation**, v.105, n.2, p. 157-169. 2002.
- BARRA MANSA. **Decreto n. 4.579, de 09 de junho de 2005**. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental Floresta do Cafundó, no Município de Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências. Disponível em: Acessado em: dez. 2019.
- BATISTA JR, M.L. 2015. **Aves de Pinheiral**. Táxeus - Listas de espécies. Disponível em: <https://www.taxeus.com.br/lista/5662>. Acessado em: nov. 2019.
- BERGALLO, H.G. *et al.* Mamíferos endêmicos e ameaçados do Estado do Rio de Janeiro: diagnóstico e estratégias para a conservação. *In*: BERGALLO, H.G. *et al.* (ed.). **Estratégias e ações para a conservação da biodiversidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Biomas, 2009. p. 209-2019.
- BERGALLO, H.G.; ROCHA, C.F.D.; ALVES, M.A.S.; SLUYS, M.van. **A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

BIBBY, C.J. *et al.* **Bird census techniques**. London: Academic press, 1993.

BIRDLIFE INTERNATIONAL. **State of the World's birds: taking the pulse of the Planet**. Cambridge: BirdLife International, 2018.

BRASIL. **Plano de Manejo da Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 118 p. 2016.

CAMPOS, F.C.; FEDULLO, L.P.L.; GOUVEIA, M.T.J.; MONSORES, D.W. Relato da situação ambiental da Floresta da Cicuta – III. **Relatório Técnico**, 10 p. 1985.

CAZASSA, R.S. *et al.* Aves como potenciais dispersoras de sementes de *Euterpe edulis* (Arecaceae) em um fragmento de mata atlântica em Piedade de Caratinga, Minas Gerais. **Revista de Ciências**, v.7, n.1, p. 95-109. 2016.

COHN-HAFT, M.; BRAVO, G. A. A new species of *Herpsilochmus* antwren from west of the Madeira river in Amazonian Brazil. *In*: HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. (eds.). **Handbook of the birds of the world. Special volume. New species and global index**. Barcelona, Spain: Lynx Edicions, 2013. p. 268-271.

COLOMBO, A.F.; JOLY, C.A. Brazilian Atlantic Forest *lato sensu*: the most ancient Brazilian forest, and a biodiversity hotspot, is highly threatened by climate change. **Brazilian Journal of Biology**, v.70, n.3, p. 697-708. 2010.

DEVELEY, P.F. Métodos para estudos com aves. *In*: CULLEN JR., L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. (Orgs.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. p. 153-168.

FARIA, C.M.A. *et al.* Aves de um fragmento de Mata Atlântica no alto Rio Doce, Minas Gerais: colonização e extinção. **Revista Brasileira de Zoologia**, v.23, n.4, p. 1217-1230. 2006.

FARIA, M.J.B. **Florística e estrutura de um trecho da borda de um fragmento de Mata Atlântica no Médio Vale do Rio Paraíba do Sul, nos municípios de Volta Redonda e Barra Mansa – RJ**. Seropédica, 2005. 41 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.

FARIA, M.J.B.; SOUZA, G.R.; PEIXOTO, A.L. A ARIE Floresta da Cicuta e a Companhia Siderúrgica Nacional: um estudo de caso. *In*: 52º CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 2001, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: SBB, 2001.

FEEMA, Agência Regional do Médio Paraíba. Relatório de Atividade da “Semana do Meio Ambiente”. **Relatório Técnico**. 2000.

FISCHER, J.; LINDENMAYER, D.B. Landscape modification and habitat fragmentation: a synthesis. **Global ecology and biogeography**, v.16, n.3, p. 265-280. 2007.

FONSECA, S.M. **Influência de Unidades de Conservação na qualidade da água de corpos hídricos: estudo de caso na ARIE Floresta da Cicuta/RJ**. Volta Redonda,

2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Ambiental), Universidade Federal Fluminense, 2018.

FRANCHIN, A.G.; JÚNIOR, O.M. A riqueza da avifauna no Parque Municipal do Sabiá, zona urbana de Uberlândia (MG). **Biotemas**, v.17, n.1, p. 179-202. 2004.

FRANCISCO, L.R.; MOREIRA, N. Manejo, reprodução e conservação de psitacídeos brasileiros. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, v.36, n.4, p. 215-219. 2012.

FREITAS, G.H.S. *et al.* A new species of Cinclodes from the Espinhaço Range, southeastern Brazil: insights into the biogeographical history of the South American highlands. **Ibis**, v.154, n.4, p. 738-755. 2012.

FRIZZO, T.L.M. *et al.* Uma revisão dos efeitos do fogo sobre a fauna de formações savânicas do Brasil. **Oecologia Australis**, v.15, n.2, p. 365-379. 2011.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período 2008-2010**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica / INPE, 2010.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Relatório de Atividades 2011**. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2012/04/Relatorio_de_Atividades2011.pdf.pdf. Acessado em: out. 2019.

FURTADO, P.S.N. **Composição, abundância relativa e padrão de atividade dos mamíferos de médio e grande porte a Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta, Rio de Janeiro, Brasil**. Volta Redonda, 2019. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

GIMENES, M.R.; ANJOS, L. Efeitos da fragmentação florestal sobre as comunidades de aves. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v.25, n.2, p. 391-402. 2003.

GOOSEM, M. Internal fragmentation: the effects of roads, highways, and powerline clearings on movements and mortality of rainforest vertebrates. *In*: LAURANCE, W.F.; BIERREGAARD, R.O. (eds.). **Tropical forest remnants: ecology, management, and conservation of fragmented communities**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 241-255.

HAMMER, Ø. *et al.* PAST: paleontological statistics software package for education and data analysis. **Palaeontologia electronica**, v.4, n.1, p. 9. 2001.

HASSLER, M.L. A importância das Unidades de Conservação no Brasil. **Sociedade & Natureza**, v.17, n.33, p. 79-89. 2005.

HAYES, F.E. **Status, distribution and biogeography of the birds of Paraguay**. New York: American Birding Association (Monographs in Field Ornithology, 1), 1995.

HENRY-SILVA, G.G. A importância das unidades de conservação na preservação da diversidade biológica. **Revista Logos**, v.12, p.127-151. 2005.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ICMBio/MMA. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves**. 1. ed. Brasília: ICMBio/MMA, 2018.

ICMBio¹, 2019. **Parque Nacional da Serra da Bocaina**. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradabocaina/guia-do-visitante.html>. Acessado em: dez, 2019.

ICMBio², 2019. **Parque Nacional de Itatiaia**. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/>. Acessado em: dez, 2019.

INEA¹, 2019. **Parque Estadual do Cunhambebe**. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/conheca-as-unidades-de-conservacao/parque-estadual-cunhambebe/>. Acessado em: dez, 2019.

INEA², 2019. **Mapeamento das Áreas de Importância Biológica do Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://inea.maps.arcgis.com/home/item.html?id=b3db2d9f073a4595a7b645375e892b60>. Acessado em: nov. 2019.

INPE, 2019. **Banco de Dados de Queimadas**. Disponível em: <http://inpe.br/queimadas/bdqueimadas>. Acessado em: nov. 2019.

IUCN. **The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2019-1**. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org>. Acessado em: mai. 2019.

KRÜGEL, M.M.; ANJOS, L. Bird communities in forest remnants in the city of Maringá, Paraná State, Southern Brazil. **Ornitologia Neotropical**, v.11, n.4, p. 315-330. 2000.

LEITE, L.O. **Análise de endemismo, variação geográfica e distribuição potencial das espécies de aves endêmicas do cerrado**. Brasília, 2006. 181 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal), Universidade de Brasília, 2006.

LIEBEREI, R. (ed.). **Neotropical Ecosystems: Proceedings of the German-Brazilian Workshop, Hamburg, 2000**. 2002.

LIMA, L.M. **Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição, status, endemismos e conservação**. São Paulo, 2013. 513 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, 2013.

MAGNAGO, L.F.S. *et al.* Structural changes and edaphic characteristics in different succession stages of Tabuleiro riparian forest, ES. **Revista Árvore**, 2011, v.35, n.3, p. 445-456. 2011.

MAGURRAN, A.E. **Medindo a diversidade biológica**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2011.

MAHOOD, S.P. *et al.* A new species of lowland tailorbird (Passeriformes: Cisticolidae: Orthotomus) from the Mekong floodplain of Cambodia. **Forktail**, v.29, p. 1-14. 2013.

MALDONADO-COELHO, M.; MARINI, M. Composição de bandos mistos de aves em fragmentos de Mata Atlântica no sudeste do Brasil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v.43, n.3, p. 31-54. 2003.

MANHÃES, M.A.; LOURES-RIBEIRO, A. Avifauna da Reserva Biológica Municipal Poço D'Anta, Juiz de Fora, MG. **Biota Neotropica**, v.11, n.3, p. 275-286. 2011.

MARINI, M.A.; CAVALCANTI, R.B. Frugivory by *Elaenia* flycatchers. **Hornero**, v.15, n.1. 1998.

MARINI, M.A.; GARCIA, F.I. Conservação de aves no Brasil. **Megadiversidade**, v.1, n.1, p. 95-102. 2005.

MITTERMEIER, R.A. *et al.* **Hotspots revisited: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial eco-regions**. Boston: University of Chicago Press, 2005

MONSORES, D.W.; BUSTAMANTE, J.G.G.; FEDULLO, L.P.L.; GOUVEIA, M.T.J. Relato da situação ambiental com vistas à preservação da área da Floresta da Cicuta – I. **Relatório Técnico**, 17 p. 1982.

MONSORES, D.W.; CAMPOS, F.C.; FEDULLO, L.P.L.; GOUVEIA, M.T.J. Relato da situação ambiental com vistas à preservação da área da Floresta da Cicuta – II. **Relatório Técnico**, 11 p. 1983.

MORAES, G.P.; CAVARZERE JR, V. 2015. **Aves do Parque Nacional Serra da Bocaina - parte alta**. Táxeus - Listas de espécies. Disponível em: <https://www.taxeus.com.br/lista/5637>. Acessado em: nov. 2019.

MORANTE FILHO, J.C.; SILVEIRA, R.V. Composição e estrutura trófica da comunidade de aves de uma área antropizada no oeste do estado de São Paulo. **Atualidades Ornitológicas**, v.169, p. 33-40. 2012.

MOTTA-JUNIOR, J.C. Estrutura trófica e composição das avifaunas de três habitats terrestres na região central do estado de São Paulo. **Ararajuba**, v.1, n.1, p. 65-71. 1990.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v.403, n.6772, p.853-858. 2000.

PACHECO, J.F. *et al.* 2000. **Aves da Mata da Cicuta e arredores**. Táxeus - Listas de espécies. Disponível em: <https://www.taxeus.com.br/listamaisinformacoes/2020>. Acessado em: nov. 2019.

PACHECO, J.F. *et al.* A avifauna do Parque Estadual do Ibitipoca e áreas adjacentes, Minas Gerais, Brasil, com uma revisão crítica dos registros prévios e comentários sobre biogeografia e conservação. **Cotinga**, v.30, p. 16-32. 2008.

PEREIRA, S. **Indicadores microbiológicos como parâmetro de qualidade da água de dois corpos hídricos na ARIE Floresta da Cicuta-RJ**. Barra Mansa, 2017. 38 f. Monografia (Graduação em Biologia), Centro Universitário de Barra Mansa, 2017.

PIACENTINI, V.Q. *et al.* Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê

Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v. 23, n.2, p. 91-298. 2015.

PINESCHI, R.B. *et al.* Consolidação da listagem de espécies ocorrentes para a área da Reserva da Cicuta. **Relatório Técnico**. 2002.

PIRES, A.S. **Efeitos da fragmentação florestal sobre populações animais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

PIZO, M.A.A. Conservação das aves frugívoras. *In: Ornitologia e conservação: da ciência às estratégias*. Tubarão: Ed Unisul, 2001. p. 49-59.

PORTES, C.E.B. *et al.* **Sistemática, filogenia e biogeografia do gênero *Campylorhamphus* (Aves: Dendrocolaptidae)**. Belém, 2014. 112 f. Tese (Doutorado em Zoologia), Universidade Federal do Pará / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2014.

POUGY, N. *et al.* **Plano de ação nacional para conservação da flora endêmica ameaçada de extinção do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado do Ambiente (SEA). 2018.

PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina, 2001.
RADAMBRASIL, Projeto. **Folhas SF. 23/24 Rio de Janeiro/Vitória: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. 1983.

RENNÓ, B.; GAGLIARDI, R. 2011. **Avifauna do Parque Nacional do Itatiaia**. Táxeus - Listas de espécies. Disponível em: <https://www.taxeus.com.br/lista/106>. Acessado em: nov. 2019.

RIBEIRO, M.C. *et al.* The Brazilian Atlantic Forest: how much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation**, v.142, p. 1141-1153. 2009.

RIBON, R.; LAMAS, I.R.; GOMES, H.B. Avifauna da Zona da Mata de Minas Gerais: municípios de Goianá e Rio Novo, com alguns registros para Coronel Pacheco e Juiz de Fora. **Revista Árvore**, v.28, n.2, p. 291-305. 2004.

RIBON, R.; SIMON, J.E.; THEODORO DE MATTOS, G. Bird extinctions in Atlantic forest fragments of the Viçosa region, southeastern Brazil. **Conservation Biology**, v.17, n.6, p. 1827-1839. 2003.

RIDGELY, R.S. *et al.* **Aves do Brasil: Mata Atlântica do Sudeste**. São Paulo: Editora Horizonte, 2015.

ROCHA, S.A. **Avaliação da ocorrência e distribuição de cães domésticos (*Canis familiaris*) na ARIE Floresta da Cicuta/RJ**. Barra Mansa, 2018. 51 f. Monografia (Graduação em Biologia), Centro Universitário de Barra Mansa, 2018.

ROSSANO, F.D. *et al.* Avifauna em fragmentos da Mata Atlântica. **Ciência Rural**, v.32, n.6, p. 989-996. 2002.

SANTOS, A.J. Estimativa de riqueza em espécies. *In*: CULLEN JR., L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. (Orgs.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. p. 19-41.

SCHERER, A. *et al.* Estrutura trófica da avifauna em oito parques da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ornithologia**, v.1, n.1, p. 25-32. 2010.

SCHUNCK, F. *et al.* **Plano de ação nacional para a conservação dos papagaios da Mata Atlântica**. Brasília: ICMBio/MMA. 2011.

SICK, H. **Ornitologia brasileira [Brazilian ornithology]**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

SIGRIST, T. **Avifauna brasileira: guia de campo**. São Paulo: Avis Brasilis Editora, 2013.

SILVA, J.M.C. Birds of the cerrado region, South America. **Steenstrupia**, v.21, n.1, p. 69-92. 1995.

SILVA, J.M.C. *et al.* Aves da Caatinga: *status*, uso do habitat e sensibilidade. Ecologia e conservação da Caatinga. *In*: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (eds.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. p. 237-273.

SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M. Tree species impoverishment and the future flora of the Atlantic Forest of northeast Brazil. **Nature**, v.404, n.6773, p. 72-74. 2000.

SOMENZARI, M. *et al.* An overview of migratory birds in Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v.58. 2018.

SOUZA, G.R. **Florística do estrato arbustivo-arbóreo da Floresta da Cicuta, um fragmento de Floresta Atlântica no município de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro**. Seropédica, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, G.R.; PEIXOTO, A.L.; FARIA, M.J.B.; ZAÚ, A.S. Composição florística e aspectos estruturais do estrato arbustivo-arbóreo de um trecho de Floresta Atlântica no Médio Vale do Rio Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, Brasil. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas**, v.7, n.4, p. 398-409. 2007.

STOTZ, D.F. *et al.* **Neotropical birds: ecology and conservation**. University of Chicago Press, 1996

TABARELLI, M. *et al.* Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. **Megadiversidade**, v.1, p.1-7. 2005.

TELINO-JÚNIOR, W.R. *et al.* Estrutura trófica da avifauna na Reserva Estadual de Gurjaú, zona da mata sul, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v.22, n.4, p. 962-973. 2005.

THOMPSON, F.R.; BURHANS, D.E.; ROOT, B. Effects of point count protocol on bird abundance and variability estimates and power to detect population trends. **Journal of Field Ornithology**, v.73, n.2, p. 141-151. 2002.

VALE, M.M. *et al.* Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. **Journal of Field Ornithology**, v.89, n.3, p. 193-206. 2018.

VALLEJO, L.R. Unidade de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e políticas públicas. **Geographia**, v.4, n.8, p. 57-78. 2002

VIELLIARD, J.M.E. *et al.* Levantamento quantitativo por pontos de escuta e o Índice Pontual de Abundância (IPA). *In: VON MATTER, S. et al. Ornitologia e conservação: ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento.* Rio de Janeiro: Technical Books, 2010. p. 45-60.

VIELLIARD, J.M.E.; SILVA, M.L. Bioacústica: Bases teóricas e regras práticas de uso em ornitologia. *In: VON MATTER, S. et al. Ornitologia e conservação: ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento.* Rio de Janeiro: Technical Books, 2010. p. 313.

VIELLIARD, J.M.E.; SILVA, W.R. Nova metodologia de levantamento quantitativo da avifauna e primeiros resultados no interior do estado de São Paulo, Brasil. *In: Anais do IV Encontro Nacional de Anilhadores de Aves*, Recife, p. 117-151. 1990.

WHITNEY, B.M. *et al.* A name for Striolated Puffbird west of the Rio Madeira with revision of the *Nystalus striolatus* (Aves: *Bucconidae*) complex. *In: Handbook of the Birds of the World. Special Volume: New Species and Global Index.* Barcelona: Lynx Edicions, 2013. p. 240-244.

WikiAves¹, 2019. **Parque Natural Municipal Santa Cecília do Ingá.** Disponível em: https://www.wikiaves.com.br/wiki/areas:pnm_fazenda_santa_cecilia_do_inga:inicio. Acessado em: dez. 2019.

WikiAves², 2019. **Chupim (*Molothrus binariensis*).** Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/chupim>. Acessado em: fev. 2019.

WILCOVE, D.S.; ROBINSON, S.K. The impact of forest fragmentation on bird communities in eastern North America. *In: Biogeography and ecology of forest bird communities.* SPB Academic Publishing, 1990. p. 319-331.

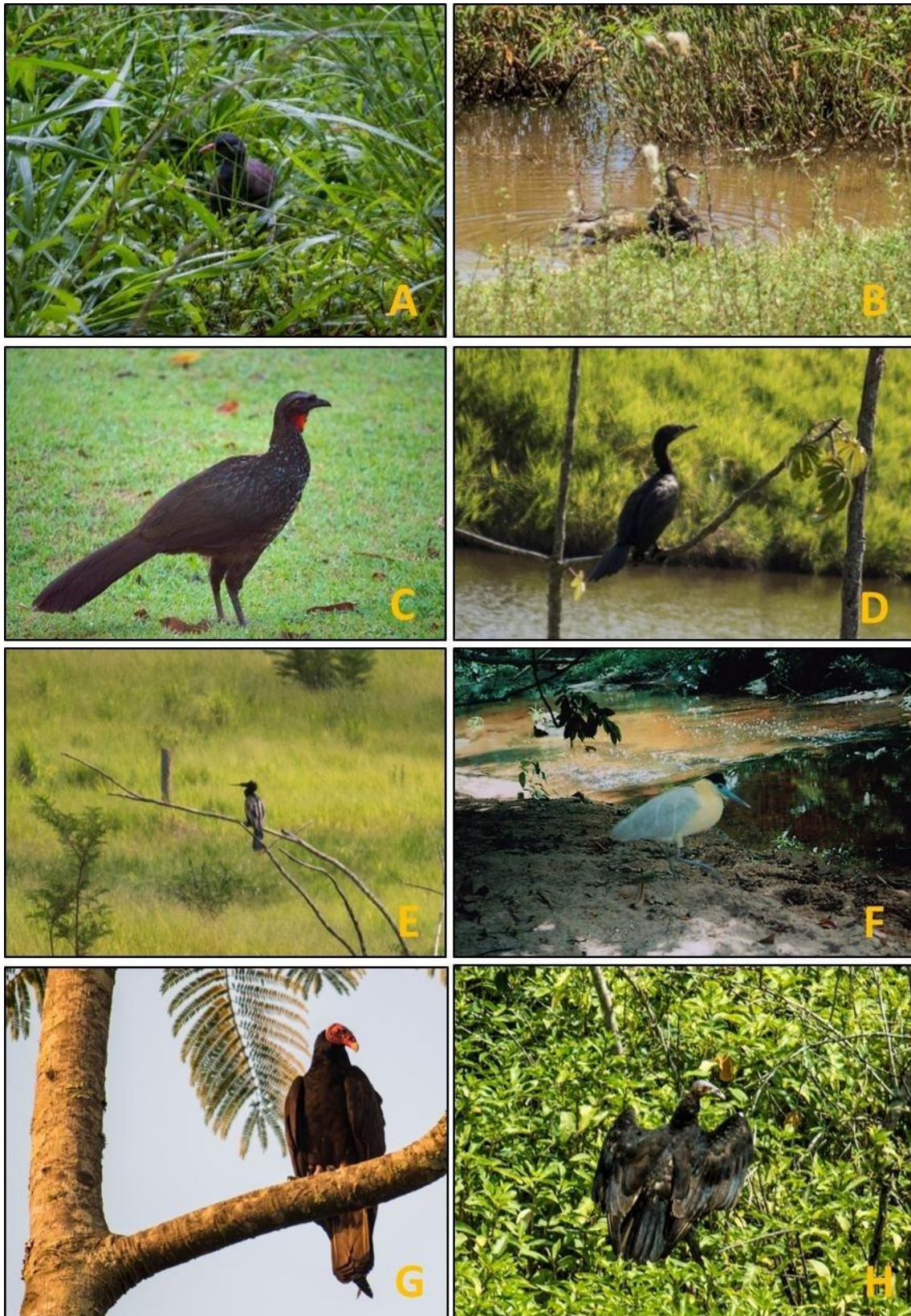
WILLIS, E.O. The composition on avian communities in remanescents woodlots in southern Brazil. **Pap. Avulsos Zool.**, v.33, p. 1-25. 1979.

WILMAN, H. *et al.* EltonTraits 1.0: Species-level foraging attributes of the world's birds and mammals. **Ecology**, v.95, n.7, p. 2027-2027. 2014.

ZANZINI, A.C.S.; ALEXANDRINO, E.R. **Levantamento, análise e diagnóstico da fauna de aves silvestres em estudos ambientais.** 1 ed. Lavras: UFLA/FAEPE, 2008.

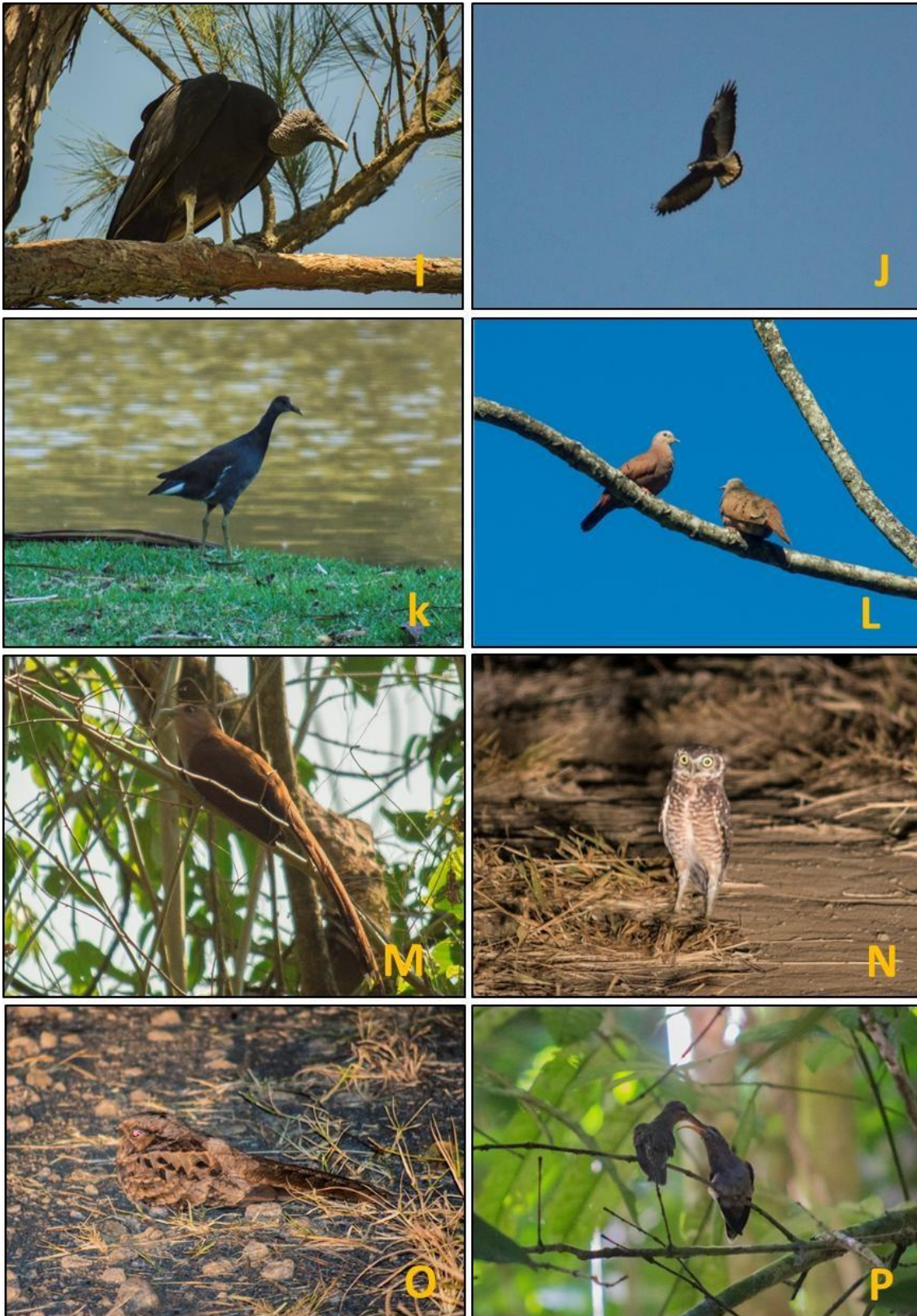
7 APÊNDICE – Registros fotográficos de representantes de algumas espécies de aves que ocorrem na ARIE floresta da cicuta.

A) *Crypturellus tataupa*; B) *Amazonetta brasiliensis*; C) *Penelope obscura*; D) *Nannopterum brasilianus*; E) *Anhinga anhinga*; F) *Ptilerodius pileatus*; G) *Cathartes aura*. H) *Cathartes burrovianus*.



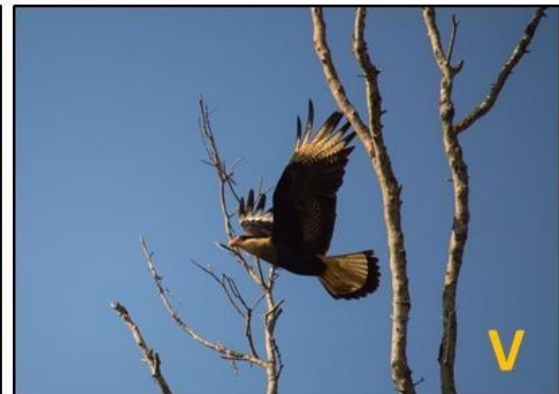
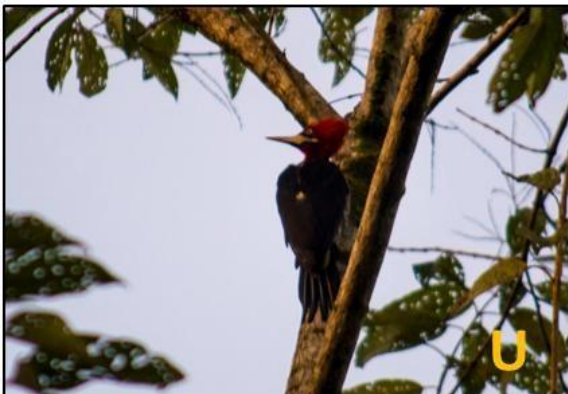
Fotos: Gabriel M. Tavares.

I) *Coragyps atratus*; J) *Geranoaetus albicaudatus* (morfo escuro); K) *Gallinula galeata*; L) *Columbina talpacoti*; M) *Piaya cayana*; N) *Athene cunicularia*; O) *Nyctidromus albicollis*; P) *Glaucis hirsutus*.



Fotos: Gabriel M. Tavares.

Q) *Phaethornis ruber*; R) *Calliphlox amethystina*; S) *Chloroceryle americana*; T) *Dryocopus lineatus*; U) *Campephilus robustus*; V) *Caracara plancus*; W) *Falco femoralis*; X) *Pionus maximiliani*.



Fotos: Gabriel M. Tavares.

Y) *Thamnophilus caerulescens*; Z) *Conopophaga melanops*; AA) *Sclerurus scansor*; AB) *Xiphorhynchus fuscus*; AC) *Furnarius rufus*; AD) *Certhiaxis cinnamomeus*; AE) *Chiroxiphia caudata* (macho); AF) *Chiroxiphia caudata* (fêmea).



Fotos: Gabriel M. Tavares.

AG) *Platyrinchus mystaceus*; AH) *Todirostrum cinereum*; AI) *Colonia colonus*; AJ) *Turdus amaurochalinus*; AK) *Basileuterus culicivorus*; AL) *Chrysomus ruficapillus*; AM) *Habia rubica*; AN) *Cyanoloxia brissonii*.



Fotos: Gabriel M. Tavares.

8 ANEXO- Lista consolidada das espécies de aves da ARIE Floresta da Cicuta. Táxon: * Espécie de ocorrência improvável na ARIE Floresta da Cicuta e região; **Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta:** **1** = espécie registrada, **0** = espécie não registrada; **Status:** **R** = Residente, **PM** = Parcialmente Migratória, **MG** = Migratória, **VAG** = Vagante, **Rep** = Reproduz no Brasil, □ Espécies que devem ser priorizadas em estudos posteriores; **Sensibilidade a Distúrbios Ambientais:** **B** = Baixa, **M** = Média, **A** = Alta; **Status de Conservação:** **DD** = Deficiente em Dados, **PP** = Pouco Preocupante, **QA** = Quase Ameaçada, **PA** = Presumivelmente Ameaçada, **VU** = Vulnerável, **EP** = Em Perigo; **Dieta Alimentar Predominante:** **CAR** = Carnívora, **DET** = Detritívora, **FRU** = Frugívora, **GRA** = Granívora, **INS** = Insetívora, **NEC** = Nectarívora, **ONI** = Onívora; **Endemismo:** **BR** = Endêmica do Brasil, **MA** = Endêmica da Mata Atlântica; **Dependência Florestal:** **I** = Independente, espécie associada a vegetações abertas, **SD** = Semidependente, espécie que ocorre nos mosaicos formados pelo contato entre florestas e formações vegetais abertas, **D** = Dependente, espécie que ocorre exclusivamente em ambientes florestais.

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsorez <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
TINAMIFORMES													
Tinamidae													
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inambu-chororó	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Crypturellus tataupa</i>	Inambu-chintã	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Nothura maculosa</i>	Codorna-amarela	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
ANSERIFORMES													
Anatidae													
<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê	0	1	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Ananaí	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Netta erythrophthalma</i>	Paturi-preta	0	1	0	0	R	B	PP	-	DD	ONI	-	I
<i>Nomonyx dominicus</i>	Marreca-caucau	0	0	0	1	R	M	PP	-	DD	ONI	-	I
GALLIFORMES													
Cracidae													
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	0	1	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Penelope obscura</i>	Jacuguaçu	1	1	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
PODICIPEDIFORMES													
Podicipedidae													
<i>Tachybaptus dominicus</i>	Mergulhão-pequeno	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão-caçador	0	1	0	1	R	M	PP	-	-	CAR	-	I
SULIFORMES													
Phalacrocoracidae													
<i>Nannopterum brasilianus</i>	Biguá	1	1	0	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Anhinga anhinga</i>	Biguatinga	1	0	0	1	R	M	PP	-	VU	CAR	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
PELECANIFORMES													
Ardeidae													
<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Nycticorax nycticorax</i>	Socó-dorminhoco	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Butorides striata</i>	Socozinho	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Ardea alba</i>	Garça-branca	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real	1	0	0	1	R	M	PP	-	PA	ONI	-	I
<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Egretta caerulea</i>	Garça-azul	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
Threskiornithidae													
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	1	0	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
CATHARTIFORMES													
Cathartidae													
<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	DET	-	I
<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	DET	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	DET	-	I
ACCIPITRIFORMES													
Accipitridae													
<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-gato	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura	1	0	0	0	PM□/Rep	M	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Harpagus bidentatus</i>	Gavião-ripina	0	0	0	1	R	M	PP	-	DD	CAR	-	D
<i>Harpagus diodon</i>	Gavião-bombachinha	1	0	0	0	MG/Rep	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi	0	0	0	1	PM□/Rep	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Urubitinga coronata</i>	Águia-cinzenta	0	0	0	1	R	M	EP	EP	DD	CAR	-	SD
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	CAR	-	SD
GRUIFORMES													
Aramidae													
<i>Aramus guarauna</i>	Carão	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
Rallidae													
<i>Aramides cajaneus</i>	Saracura-três-potes	0	0	0	1	R	A	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Laterallus melanophaius</i>	Sanã-parda	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Laterallus exilis</i>	Sanã-do-capim	0	0	1	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	Sanã-vermelha	0	1	1	0	R	M	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Mustelirallus albicollis</i>	Sanã-carijó	0	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-sanã	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Gallinula galeata</i>	Galinha-d'água	1	1	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Porphyrio martinicus</i>	Frango-d'água-azul	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
CHARADRIIFORMES													
Charadriidae													
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Pluvialis dominica</i>	Batuirçu	0	0	0	1	MG		PP	-	DD	INS	-	I
Scolopacidae													
<i>Gallinago paraguaiae</i>	Narceja	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Bartramia longicauda</i>	Maçarico-do-campo	0	0	0	1	MG		PP	-	DD	INS	-	I
<i>Actitis macularius</i>	Maçarico-pintado	0	1	0	0	MG		PP	-	DD	INS	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
Jacanidae													
<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã	0	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
Sternidae													
<i>Phaetusa simplex</i> *	Trinta-réis-grande	0	0	0	1	R	A	PP	-	PE	INS	-	I
COLUMBIFORMES													
Columbidae													
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Columbina squammata</i>	Fogo-apagou	0	0	0	1	R	B	PP	-	DD	GRA	-	I
<i>Claravis pretiosa</i>	Pararu-azul	0	0	0	1	R	B	PP	-	DD	FRU	-	D
<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	I
<i>Patagioenas picazuro</i>	Asa-branca	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-de-testa-branca	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Geotrygon montana</i>	Pariri	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
CUCULIFORMES													
Cuculidae													
<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta	0	1	0	0	MG/Rep	B	PP	-	DD	CAR	-	SD
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Tapera naevia</i>	Saci	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	Peixe-frito	0	1	0	0	R	M	PP	-	DD	CAR	-	D
STRIGIFORMES													
Tytonidae													
<i>Tyto furcata</i>	Suindara	0	1	0	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
Strigidae													
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	Murucututu-de-barriga-amarela	1	0	0	0	R	A	PP	-	-	CAR	MA	D
<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda	1	1	0	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
NYCTIBIIFORMES													
Nyctibiidae													
<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau	0	1	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
CAPRIMULGIFORMES													
Caprimulgidae													
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	Bacurau-ocelado	0	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju	1	1	1	1	PM/Rep	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Hydropsalis parvula</i>	Bacurau-chintã	0	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Hydropsalis torquata</i>	Bacurau-tesoura	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Podager nacunda</i>	Coruçã	0	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Chordeiles acutipennis</i>	Bacurau-de-asa-fina	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
APODIFORMES													
Apodidae													
<i>Streptoprocne zonaris</i>	Taperuçu-de-coleira-branca	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Streptoprocne biscutata</i>	Taperuçu-de-coleira-falha	0	0	0	1	R	M	PP	-	DD	INS	-	I
<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
Trochilidae													
<i>Glaucis hirsutus</i>	Balança-rabo-de-bico-torto	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Phaethornis squalidus</i>	Rabo-branco-pequeno	0	0	1	0	R	M	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Phaethornis ruber</i>	Rabo-branco-rubro	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-acanelado	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-de-garganta-rajada	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	NEC	MA	D
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	I
<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto	1	0	1	1	PM□/Rep	M	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Colibri serrirostris</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Lophornis magnificus</i>	Topetinho-vermelho	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	NEC	BR	SD
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	NEC	-	I
<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-fronte-violeta	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	NEC	MA	D
<i>Hylocharis sapphirina</i>	Beija-flor-safira	0	0	0	1	R	M	PP	-	DD	NEC	-	D
<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-de-banda-branca	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	D
<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Calliphlox amethystina</i>	Estrelinha-ametista	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
TROGONIFORMES													
Trogonidae													
<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-de-barriga-amarela	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
CORACIIFORMES													
Alcedinidae													
<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
CORACIIFORMES													
Momotidae													
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	Juruva	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	MA	D
GALBULIFORMES													
Galbulidae													
<i>Galbula ruficauda</i>	Ariramba	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
Bucconidae													
<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Malacoptila striata</i>	Barbudo-rajado	0	0	0	1	R	M	QA	-	-	INS	-	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
PICIFORMES													
Ramphastidae													
<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Selenidera maculirostris</i>	Araçari-poca	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
PICIFORMES													
Picidae													
<i>Picumnus cirratus</i>	Picapauzinho-barrado	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-branco	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Melanerpes flavifrons</i>	Benedito-de-testa-amarela	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Veniliornis maculifrons</i>	Picapauzinho-de-testa-pintada	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Veniliornis spilogaster</i>	Picapauzinho-verde-carijó	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Veniliornis passerinus*</i>	Pica-pau-pequeno	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Piculus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado	1	0	1	0	R	M	QA	-	-	INS	MA	D
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei	1	0	0	1	R	M	PP	-	PA	INS	MA	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
CARIAMIFORMES													
Cariamidae													
<i>Cariama cristata</i>	Seriema	0	0	1	0	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
FALCONIFORMES													
Falconidae													
<i>Caracara plancus</i>	Carcará	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	SD
<i>Micrastur ruficollis</i>	Falcão-caburé	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Micrastur semitorquatus</i>	Falcão-relógio	1	0	0	0	R	M	PP	-	-	CAR	-	D
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	CAR	-	I
<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino	0	0	0	1	MG	M	PP	-	DD	CAR	-	I
PSITTACIFORMES													
Psittacidae													
<i>Primolius maracana</i>	Maracanã	1	1	1	1	R	M	QA	-	-	FRU	-	SD
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Periquitão	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito-verde	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Pionus reichenowi</i> *	Maitaca-de-barriga-azul	0	1	0	1	R	B	PP	VU	-	FRU	MA	D
<i>Amazona rhodocorytha</i>	Chauá	1	0	0	1	R	M	VU	VU	VU	FRU	MA/BR	D
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio	0	0	0	1	R	M	PP	-	DD	FRU	-	D
PASSERIFORMES													
Thamnophilidae													
<i>Terenura maculata</i>	Zidedê	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Myrmotherula minor</i>	Choquinha-pequena	0	0	0	1	R	A	VU	VU	VU	INS	MA	D
<i>Rhopias gularis</i>	Choquinha-de-garganta-pintada	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Dysithamnus stictothorax</i>	Choquinha-de-peito-pintado	1	0	1	0	R	M	QA	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Dysithamnus mentalis</i>	Choquinha-lisa	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho-de-asa-vermelha	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Thamnophilus palliatus</i>	Choca-listrada	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Thamnophilus caeruleus</i>	Choca-da-mata	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó	1	0	1	0	R	A	PP	-	-	INS	MA	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Mackenziaena severa</i>	Borrallhara	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Biatas nigropectus</i>	Papo-branco	0	1	0	1	R	M	VU	-	PA	INS	MA	D
<i>Myrmoderus loricatus</i>	Formigueiro-assobiador	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Drymophila ferruginea</i>	Trovoada	1	0	0	0	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Drymophila squamata</i>	Pintadinho	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
Conopophagidae													
<i>Conopophaga lineata</i>	Chupa-dente	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Conopophaga melanops</i>	Cuspidor-de-máscara-preta	1	1	1	1	R	A	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Formicariidae													
<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato	1	1	1	1	R	A	PP	-	-	INS	-	D
Scleruridae													
<i>Sclerurus scansor</i>	Vira-folha	1	0	1	1	R	A	PP	-	-	INS	MA	D
Dendrocolaptidae													
<i>Dendrocincla fuliginosa*</i>	Arapaçu-pardo	0	1	0	0	R	A	PP	-	-	INS	-	D
<i>Dendrocincla turdina</i>	Arapaçu-liso	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu-rajado	1	1	1	0	R	A	PP	-	-	INS	MA	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Campylorhamphus falcularius</i>	Arapaçu-de-bico-torto	1	0	1	1	R	A	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-de-cerrado	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	Arapaçu-escamoso	1	1	1	0	R	A	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	Arapaçu-de-garganta-branca	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Xenopidae													
<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Furnariidae													
<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couro-da-lama	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	BR	I
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Lochmias nematura</i>	João-porca	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barraqueiro-de-olho-branco	0	1	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Anabazenops fuscus</i>	Trepador-coleira	0	0	1	1	R	A	PP	-	-	INS	BR	D
<i>Philydor rufum</i>	Limpa-folha-de-testa-baia	1	0	1	1	R	A	PP	-	-	INS	-	D
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-de-pau	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	João-botina-da-mata	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Anumbius annumbi</i>	Cochicho	0	1	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	Curutié	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Synallaxis albescens</i>	Uí-pi	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Cranioleuca pallida</i>	Arredio-pálido	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
Pipridae													
<i>Manacus manacus</i>	Rendeira	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Ilicura militaris</i>	Tangarazinho	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	FRU	MA	D
Onychorhynchidae													
<i>Myiobius barbatus</i>	Assanhadinho	0	0	0	1	R	A	PP	-	-	INS	-	D
Tityridae													
<i>Schiffornis virescens</i>	Flautim	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Iodopleura pipra</i>	Anambezinho	0	0	0	1	R	M	EP	EP	PA	FRU	MA	D
<i>Pachyramphus viridis</i>	Caneleiro-verde	0	0	1	0	R	M	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto	1	0	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro-de-chapéu-preto	1	0	1	1	PM□/Rep	M	PP	-	-	ONI	-	D
Cotingidae													
<i>Pyroderus scutatus</i>	Pavó	0	1	0	0	R	M	PP	-	VU	FRU	-	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
Platyrinchidae													
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Rhynchocyclidae													
<i>Mionectes rufiventris</i>	Abre-asa-de-cabeça-cinza	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Corythopsis delalandi</i>	Estalador	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Phylloscartes ventralis</i>	Borboletinha-do-mato	0	1	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato-amarelo	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	Tororó	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Hemitriccus orbitatus</i>	Tiririzinho-do-mato	1	0	1	1	R	M	QA	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	SD
Tyrannidae													
<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	Barulhento	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	Piolhinho-chiador	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Elaenia spectabilis</i>	Guaracava-grande	0	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Myiopagis gaimardii</i> *	Maria-pechim	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Myiopagis caniceps</i>	Guaracava-cinzenta	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Capsiempis flaveola</i>	Marianinha-amarela	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Piolhinho	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Serpophaga nigricans</i>	João-pobre	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Serpophaga subcristata</i>	Alegrinho	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Attila phoenicurus</i>	Capitão-castanho	0	0	0	1	MG/Rep	A	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Attila rufus</i>	Capitão-de-saíra	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	MA/BR	D
<i>Legatus leucophaius</i>	Bem-te-vi-pirata	0	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irré	1	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	1	0	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Sirystes sibilator</i>	Gritador	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	1	1	1	1	PM□/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bentevizinho-de-asa-ferrugínea	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Myiozetetes similis</i>	Bentevizinho-de-penacho-vermelho	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	1	0	1	1	PM□/Rep	B	PP	-	-	INS	-	SD
<i>Conopias trivirgatus</i>	Bem-te-vi-pequeno	0	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Colonia colonus</i>	Viuvinha	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Arundinicola leucocephala</i>	Freirinha	0	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Gubernetes yetapa</i>	Tesoura-do-brejo	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado	1	0	1	1	PM/Rep	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Contopus cinereus</i>	Papa-moscas-cinzento	0	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	Maria-preta-de-bico-azulado	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Knipolegus lophotes</i>	Maria-preta-de-penacho	1	1	1	0	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Satrapa icterophrys</i>	Suiriri-pequeno	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Xolmis cinereus</i>	Primavera	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Xolmis velatus</i>	Noivinha-branca	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
Vireonidae													
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	Vite-vite-de-olho-cinza	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	ONI	BR	D
<i>Hylophilus thoracicus</i>	Vite-vite	1	0	1	1	R	A	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Vireo chivi</i>	Juruviara	1	0	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	D
Corvidae													
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
Hirundinidae													
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora	1	0	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Progne tapera</i>	Andorinha-do-campo	1	0	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-grande	0	0	1	1	PM□/Rep	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-sobre-branco	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-de-bando	0	1	0	0	MG	B	PP	-	-	INS	-	I
Troglodytidae													
<i>Troglodytes musculus</i>	Corruíra	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Cantorchilus longirostris</i>	Garrinchão-de-bico-grande	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	BR	D
Donacobiidae													
<i>Donacobius atricapilla</i>	Japacanim	0	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	I
Polioptilidae													
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	Chirito	0	0	0	1	R	B	PP	-	VU	INS	MA	D
Turdidae													
<i>Turdus flavipes</i>	Sabiá-uma	1	1	1	0	MG/Rep	M	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branco	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca	1	1	1	1	PM/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	D
Mimidae													
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
Motacillidae													
<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro-zumbidor	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
Passerellidae													
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Arremon semitorquatus</i>	Tico-tico-do-mato	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	ONI	MA/BR	D
Parulidae													
<i>Setophaga pitiayumi</i>	Mariquita	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	-	D
Icteridae													
<i>Psarocolius decumanus</i>	Japu	1	0	0	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Cacicus haemorrhous</i>	Guaxe	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	SD
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	Garibaldi	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	INS	-	I
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	Chopim-do-brejo	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Sturnella superciliaris</i>	Polícia-inglesa-do-sul	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	I
Thraupidae													
<i>Pipraeidea melanonota</i>	Saíra-viúva	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	Bico-de-veludo	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Tangara seledon</i>	Saíra-sete-cores	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	MA	D
<i>Tangara cyanoventris</i>	Saíra-douradinha	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Tangara desmaresti</i>	Saíra-lagarta	1	0	1	0	R	M	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Tangara sayaca</i>	Sanhaço-cinzento	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Tangara palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela	1	1	1	1	R	M	PP	-	-	ONI	-	I
<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Sicalis luteola</i>	Tipio	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Haplospiza unicolor</i>	Cigarra-bambu	1	0	0	0	R	M	PP	-	-	INS	MA	D
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	Saíra-ferrugem	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	INS	MA/BR	D
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Trichothraupis melanops</i>	Tiê-de-topete	1	0	1	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Coryphospingus pileatus</i>	Tico-tico-rei-cinza	1	0	1	0	R	B	PP	-	-	GRA	-	SD
<i>Coryphospingus cucullatus</i> *	Tico-tico-rei	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	SD
<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	MA/BR	D
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha	1	0	1	1	PM□/Rep	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	NEC	-	SD
<i>Tiaris fuliginosus</i>	Cigarra-preta	0	0	1	0	VAG	B	PP	-	-	INS	-	D
<i>Sporophila lineola</i>	Bigodinho	0	0	0	1	PM/Rep	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Sporophila falcirostris</i>	Cigarra	0	0	0	1	R	M	VU	VU	EP	GRA	MA	D
<i>Sporophila caerulescens</i>	Coleirinho	1	0	1	1	PM□/Rep	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Sporophila leucoptera</i>	Chorão	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Emberizoides herbicola</i>	Canário-do-campo	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Saltator maximus</i>	Tempera-viola	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Saltator coerulescens</i> *	Sabiá-gongá	0	1	0	0	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Saltator fuliginosus</i>	Bico-de-pimenta	1	0	0	0	R	M	PP	-	-	ONI	MA	D
<i>Thlypopsis sordida</i>	Saí-canário	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	INS	-	SD

Táxon	Nome Popular	Trabalhos Realizados na ARIE Floresta da Cicuta				Status ¹	Sensibilidade a Distúrbios Ambientais	Status de Conservação ²			Dieta Alimentar Predominante	Endemismo	Dependência Florestal
		Este Estudo	Monsores <i>et al.</i> , 1984	Pacheco <i>et al.</i> , 2000	Pineschi <i>et al.</i> , 2002			Global	Nacional	Estadual			
<i>Donacospiza albifrons</i>	Tico-tico-do-banhado	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
Cardinalidae													
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	I
<i>Habia rubica</i>	Tiê-de-bando	1	1	1	1	R	A	PP	-	-	ONI	-	D
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão	1	0	0	1	R	M	PP	-	VU	ONI	-	D
Fringillidae													
<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo	1	0	0	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	1	1	1	1	R	B	PP	-	-	ONI	-	SD
<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo	0	0	0	1	R	B	PP	-	-	FRU	-	D
<i>Chlorophonia cyanea</i>	Gaturamo-bandeira	0	0	0	1	R	M	PP	-	-	FRU	-	D
Estrildidae													
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	1	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I
Passeridae													
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	0	0	1	1	R	B	PP	-	-	GRA	-	I

¹ Classificação das espécies migratórias baseada em Somenzari *et al.*, 2018;

² Status de conservação de acordo com IUCN (2019) [Global], ICMBio (2018) [Nacional] e Bergallo *et al.* (2000) [Estadual].